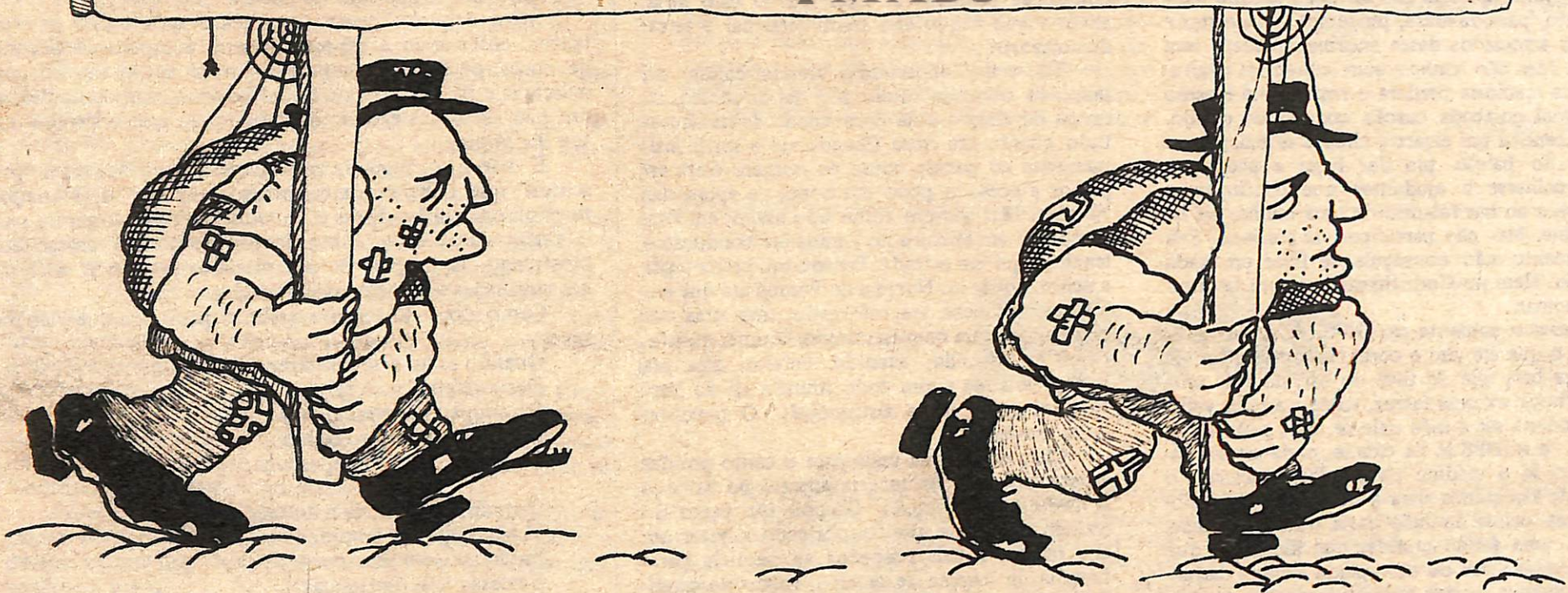
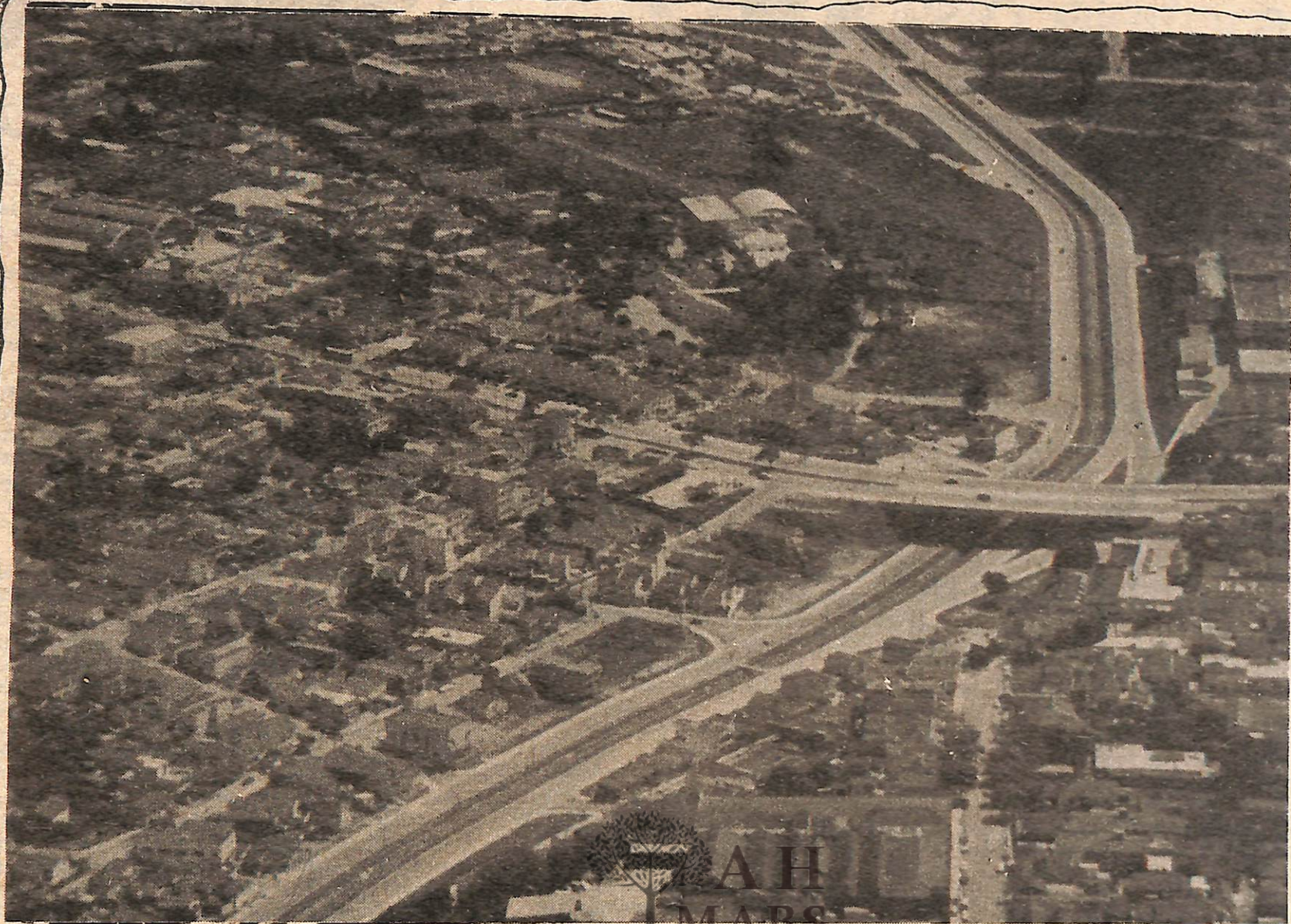


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 13 a 19 DE SETEMBRO DE 1976 — ANO II — N.º 63 — Cr\$ 2,00



**JUNDIAÍ DE NOVO
NAS MANCHETES. AGORA, COM
MENTIRAS DE LUXO, A CORES.**



"Salve o compositor popular!"

Engoliu também sua biritá ao lado de pais-de-santo, paus-de-arara, pingentes, balconistas e demais associados desse enorme sindicato sem classe. Mas não sonhou com sobremesa nenhuma, sua memória perdera o registro até mesmo da trivial goiabada cascão com muito queijo.

Acendeu um cigarro, chegou-se mais para o canto do balcão pra dar lugar a pedreiros, meias-colheres e ajudantes que continuavam chegando ao bar falando de uma mulher ou de um time. Mas não participou da conversa. Seu pensamento não conseguia se fixar em nada daquilo. Nem no Corinthians, nem em Leonor. Ou Dagmar.

Pensava somente no INPS. Aliás, nos dois INPS: o que ele vira a cores, instantes atrás, na bárbara bela tela de tevê do bar, no qual uma linda moça, ex-miss talvez, atendia a preta velha que poderia ser a mãe dele se fosse mais mirradinha, e o INPS lá da cidade, onde estaria encostado se o médico tivesse lhe concedido o atestado de quinze dias a que o calo infeccionado na palma da mão daria direito se fosse, talvez, uma ferida grande, que sangrasse, que purgasse, em vez de ser apenas a fonte daquelas agulhadas fundas e endoidecedoras ao simples toque do cabo da picareta.

Olhou para a palma da mão, para o maldito calo, igual a tantos e todos que sempre tivera desde menino, quando carpia cana em Pernambuco e mais tarde algodão em Minas e depois café no Paraná, sempre a seca ou a geada obrigando a ir pra outro lugar, e justo agora aqui, na empreiteira, trabalhando na estrada onde a seca e geada não atrapalham, a chuva até ajuda porque tem folga, justo agora aquele calo e aquelas agulhadas de endoidecer.

Tragou o cigarro e pensou que o homem tinha razão quando avisou que a amanhã ele não precisava ir pegar o caminhão pra ir trabalhar. Se nem o médico podia entender a dor do maldito calo, como é que o homem devia acreditar que não dava pra trabalhar na picareta? Além do mais, podia ser que todo mundo

começasse também a dizer que o calo doia, então como é que eles iriam terminar a estrada no prazo?

Ele tinha consciência dessas coisas, do prazo da obra, da multa por dia de atraso, da época de eleição e da necessidade de inaugurar tudo quanto era obra. Chegou até a sorrir intimamente ao pensar como os homens eram espertos e como o povo era bobo, na época das eleições. Mas sempre tinha sido assim; em Pernambuco, em Minas e no Paraná era condução e lanche, aqui era estrada. Pensou um pouco mais e achou que lá no Norte e no Paraná até que era melhor, o lanche era reforçado, teve uma vez que até serviram comida mesmo, comida quente. Aqui era estrada, avenida, asfalto. Mas pra quem? Pra ele e pra todo mundo ali do bar? Não, ninguém tinha automóvel... O povo era bobo mesmo.

Chegou-se ainda mais para o canto pra dar espaço pra mais gente que entrava no bar e já ia pedindo um pingão. Chegou tão perto do azulejo da parede que foi obrigado a notar um dos muitos papéis pregados ali naquela parafestinha de marcas de cigarro, rostos de candidatos, festa da padroeira, chocolate.

"Convite ao povo", exatamente convidando para uma inauguração. E era um convite pra ele, ele era o povo.

Balançou a cabeça, sorriu de novo e pediu outra biritá, que foi servida por cima da prateleira envidraçada onde estavam as maria-moles, as cocadas, os pés-de-moleque.

Depois pediu outra cachaça e mais outra, aceitou um copo de cerveja de um colega, retribuiu com outra cerveja, entrou na conversa sobre o Jivanildo, levou e deu tapas nas costas, deu gargalhadas espalhafatosas, pagou a sua parte nas despesas e saiu.

Já estava escuro. Foi cambaleando pela rua esburacada e sem iluminação, sonhando com a mulata Leonor. Ou Dagmar.

Erazé Martinho

CANTO CHORADO



Farejando o eleitorado menos avisado, anda por aí uma perua azul ostentando certo cartaz onde se vê retratados o Pereira ladeado pelos Reis e Vice-Reis.

E aos pés dos cujos a divisa: **Você decide — Jundiá continua ou pára.**

Você não acha que é melhor parar? Ou prefere continuar? É você quem decide. Continuar ou parar são alternativas. A opção é sua através das urnas.

Se parar, vai ser pra meditação. Pra ver a fundura do buraco em que meteram a pobre Petronilha. Pra abrir, primeiro, concorrências disciplinadoras por via das quais o dinheiro dos jundiás seja pesado e medido antes de deixar o cofre das mercês. Se parar, vai ser pra que possamos recomeçar sob uma aura de paz, sublimada por espontânea amistosidade com os munícipes.

Ou prefere continuar?

Continuar brigando com o povo. Cobrando quem não deve pelas ondas do rádio. Acusando co-participação em assassinato. Levantando dúvidas quanto a honorabilidade de impertérritos magistrados. Engordando jornais com 18.500 cruzeiros ao dia. Comendo pelos restaurantes um menú estimado em 1.992 cruzeiros cada 24 horas. Abarrotando as sinecuras com chupetas. Aumentando as despesas e os impostos. Gastando dinheiro com advogados para aparar ações populares, madados de segurança e outros feitos judiciais?

Que tal, vamos continuar? É você quem decide...

Renda-se aqui, na cauda deste "canto chorado", um preito de homenagem aos miningildos da colenda. Não se vislumbrou, entre eles, nenhum "entreguista", nenhum sabujo. O DAE, como acontece com o petróleo, continua nosso. Os miningildos foram peitudos, diga-se de passagem "malgré tout" o cabresto do Pereira.

Além daqueles quatro manhosos que, como os aves-truzes, enterraram a cabeça na terra à espera do decurso de prazo, os demais compareceram de corpo inteiro, sem máscaras e de viseira erguida, a fim de darem, como deram, um não seco e categórico ao mostrengo que o Pereira tentou lhe impingir.

E não é só. Segundo se os ouve falar, todos esses "presentes" que o Pereira anda oferecendo por aí, a crentes, futebolistas, umbandistas e outros, quando chegarem para o amém da colenda, como aconteceu com o supracitado mostrengo, nem chegarão ao plenário porque já sofrerão nas comissões o golpe de misericórdia.

Como diz o Chacrinha, palmas para eles que eles merecem.

Quando as luzes se apagarem
Desta infeliz "gestação"
De chupetas e miningildos
E um outro vier pro timão
Pra acabar c'oa intemperança,

Quando os cabras da mandança
Já não puderem "morder"
Então sim, continuaremos,
E nossas vãs esperanças
Começarão: renascer.

(PS) — Nossa opinião em torno de miningildos e chupetas permanece inalterada.

Simão

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone 434-2759

Redator Chefe: Carlos Veiga

Ilustração: Décio Denardi

Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

Impressão: Departamento de Off-Set do

"Diário do Povo" - Campinas

As "mordomias" do prefeito consomem três vezes mais que as do ministro.

Enquanto que a média mensal do Ministério do Trabalho, incluindo recepções a embaixadas estrangeiras, familiares, motoristas, agentes de segurança, etc., estão estimadas em Cr\$ 20.773,72 a do prefeito de Jundiá ascende a impressionante soma de Cr\$ 59.773,60.

Depois que o "Estadão" soprou a brasa das mordomias ministeriais, o vocabulo passou a ser um lugar comum nas divagações populares.

Não será, pois, de estranhar, que o dito da moda também nos aguce a língua para que não fiquemos perdidos no tempo e no espaço.

Tema para todas as castas, de todas as idades, os gastos com as mordomias nos ministérios em Brasília trouxe a estupefação ao povo brasileiro e o eco dos seus estrépitos agrediu os tímpanos do próprio chefe da Nação.

Um inquérito se instaurou. E a verdade veio à luz.

Assim é, que, divulgando um resumo de suas investigações sobre os gastos das mordomias no Ministério do Trabalho, o governo fez público os resultados da auditoria levada a efeito na referida pasta.

Ao leitor, sempre ávido no conhecimento de ocorrência dessa natureza, por certo não passou despercebida a nota radiofônica da "Voz do Brasil", reproduzida no dia seguinte pelos matutinos nacionais.

Repisa-la, portanto, seria incidir em balôfa ociosidade, perda de tempo e de feito.

Vale glosar, não obstante, um de seus itens para um confronto grosseiro com o que passa em Jundiá relativamente ao esbanjamento de dinheiro público.

Senão, vejamos o que diz a nota do governo:

"... De 1.º de janeiro a 31 de maio de 1976 — Os gastos durante o período examinado pelo Departamento de Administração, mostraram u'a média mensal de Cr\$... 20.773,72. Estes gastos cobriram despesas com recepções a embaixadas, autoridades nacionais e estrangeiras, bem assim familiares do ministro e seus auxiliares, motoristas e agentes de segurança".

Assinalemos, a seguir, os gastos do prefeito Ibis Cruz, para que os confrades do "Estadão" possam constatar, sem a perplexidade da primeira hora, que as mordomias do sr. ministro são por demais aváras se cotejadas com as "mordomias" do alcaide jundiáense.

Citemos apenas o período de 1.º de janeiro a 31 de março do corrente exercício, que é o estágio em que podemos argumentar com segurança face as estatísticas que temos em mãos.

Gastou nosso prefeito — só em comida — nesses noventa dias, a bagatela de Cr\$ 179.321,50, o que representa uma estimativa de Cr\$ 1.992,00 por dia corrido.

Se dividirmos a importância enunciada de Cr\$..... 179.321,50 por 3, para apurar os gastos do prefeito em média mensal, chegaremos à insofismável conclusão de que, em Jundiá, consumiu-se Cr\$ 59.773,60 ao mês, ou seja quase três vezes mais que o dispendido em igual tempo pelas mordomias do Ministério do Trabalho.

E note-se que nestes gastos não se incluem recepções a representações estrangeiras, motoristas, agentes de segurança, etc.

O prefeito Ibis Cruz esbanjou todo esse dinheiro somente em comedeira pelos restaurantes.

Depois de tomar conhecimento destas anotações será que o "Estadão" continuará atônito com os gastos feitos com as mordomias do Ministério do Trabalho?

N.R. — O imposto que você paga, paga o absurdo que você vê.

Elcio Vargas

Corrupção eleitoral

Acreditamos que o abuso do poder econômico e a corrupção numa campanha eleitoral não é privilégio nosso e deve campear em todo o mundo, mesmo porque não é fácil enquadrar o infrator num crime dessa natureza.

Os candidatos que se prevalecem desse expediente para se eleger são sempre os mais fracos eleitoralmente falando, pois é evidente, que aquele que dispõe de condições eleitorais e de nome diante da opinião pública não irá apelar para a corrupção. Disputa com suas forças. Se há um jogo democrático, o candidato honrado não aceitará a corrupção como força eleitoral.

Tem-se a medida do candidato mau pelo que gasta corrompendo o eleitor. Quanto mais gasta pior é. A corrupção eleitoral é exercida das mais variadas maneiras. É claro que o poder econômico influi numa eleição, embora a lei eleitoral seja bastante severa na punição dos que forem apanhados com a boca na botija.

As ofertas de dinheiro para entidades, clubes, confissões religiosas e se apresentam como uma das fórmulas bastante difundidas, diretamente ou disfarçadas, mas sempre corrupção.

As promessas de empregos para eleitores e familiares é outra fórmula muito usada em nossos tempo, comprando-se votos com futuras nomeações.

Todos os tipos de corrupção somente são possíveis por parte de candidatos ricos, a não ser aquela que parte dos que em postos eletivos usam do dinheiro do povo para distribuir favores e cargos públicos.

Há candidatos ou cabos eleitorais que distribuem arroz e feijão, remédios, pagam alugueis, luz, contas de gaz, etc. Muita gente já tem sua inscrição cassada por isso.

A lei eleitoral prevê todas as hipóteses e por isso proíbe a distribuição de brindes, presentes e tudo que represente despesa fora do controle partidário. Todos os gastos devem ser escriturados nos livros do partido. Naturalmente a doação de objetos ou alimentos ou outras

despesas desse tipo não poderão ser contabilizadas e por isso representam infração que pode dar cadeia, para quem dá para quem recebe.

Se o candidato corrompe o eleitor passa a ser corrupto e estará sujeito às penas de lei. Votando por interesses próprios que não o cívico o eleitor estará praticando ato imprático e lesivo à democracia.

Seria bastante significativo se os eleitores conscientes, denunciassem os candidatos que oferecem dádivas ou favores em troca de votos. Assim estaríamos defendendo nossa pátria dos maus elementos que minam os costumes e com isso prejudicam qualquer programa democrático.

Só depois de alcançarmos esse estágio, poderemos dizer que estamos em condições de realmente exercitar o direito do voto popular.

Enquanto pessoas que se colocam em posições de mando no mundo social, aceitam vantagens, cargos, propinas ou auxílios para exercerem o papel de cabos eleitorais ou mesmo votar, não sabemos como o humilde, aquele que recebe o apelo em nome do feijão e arroz, poderá votar conscientemente. E uma votação inconsciente não nos anima a enaltecer ou cantar hosanas à beleza de uma eleição.

Diante das dificuldades, porém, não será demais repetir que não é só dar que constitui crime, receber também. Se o eleitorado der uma resposta a altura aos corruptores dos nossos costumes, estaremos eliminando um dos mais poderosos ingredientes da subversão e elevando o grau de civismo do nosso povo. Civismo, patriotismo, brasilidade é coragem para denunciar os maus brasileiros que nas épocas de campanha eleitoral se prestam ao depressível papel de disputar um cargo eletivo ao peso do dinheiro.

Virgílio Torricelli

Bares

Na maioria dos bares, em quase todos os bairros, nota-se a presença do de calque "o macaco está certo", distribuído pelo médico Cid Ognibene. Isso é uma demonstração de que o candidato pela sublegenda MDB 2 está trabalhando também junto aos redutos da base.

Embora reconhecendo que "já foi o tempo do eleitorado acreditar em obras de última hora", observadores acham que o asfalto e as nomeações feitas pelo prefeito Ibis Cruz ainda são os grandes cabos eleitorais de seu candidato, Dr. Arnaldo Reis.

Cidadãos não ligados a partidos ou candidaturas, mas

preocupados com as eleições, estão pensando em solicitar ao Juiz Eleitoral a divulgação da lei sobre corrupção eleitoral, com a intenção de alertar clubes e associações que possam, por desconhecimento, aceitarem favores e verem-se implicados.

Dia 2 de outubro o senador Orestes Quercia estará em Jundiá, pedindo apoio aos candidatos do MDB. O local será a Praça Governador Pedro de Toledo. Horário: 20 horas.

O vereador e candidato a prefeito Abdoral Alencar ainda não recebeu resposta a três pedidos de informação, formulados na Câmara e diri-

gidos ao prefeito Ibis Cruz, a respeito de: a clandestinidade ou não da fábrica Concrebrás, construída em terreno previsto como "área de recreação", na Vila Hortolândia; os contratos de serviços feitos pela prefeitura sem licitação (o caso da CDE, por exemplo); e sobre o fato da prefeitura estar doando material para que se construam barracos nas favelas, agora na época pre-eleitoral.

A recusa em responder, segundo observadores, pode traduzir o receio do prefeito em ter que dar explicações sobre irregularidades que o comprometeriam, justamente agora, no período pré-eleitoral.



UM VICE EM PRIMEIRO

Sr. Achei muito séria a entrevista do candidato a vice-prefeito, Ademir Pedro Victor, da sublegenda MDB-1. Somente não digo que vou votar nele porque o voto é secreto. Carlos Queiroz.

Sr. Até que enfim apareceu um candidato a vice que sabe pensar e externar seu pensamento. Refiro-me ao sr. Ademir Pedro Victor, vice de Abdoral Alencar. Os demais... A. Gonçalves Netto.

Sr. Esse jovem Ademir Pedro Victor merece ser eleito, pelas idéias que revelou em sua entrevista ao "Jornal de 2a.", número 61. Parabéns a ele e aos eleitores dele. Cacilda Ranuzzi.

Olhai, Ademir, o povo tá gostando de papo sério. Aliás, nós também gostamos.



SOLERTES LEITORES

Cerca de 14 cartas chegaram à redação acusando a cochilada (uma das maiores) da revisão, que deixou escapar um "Exelência" no título da matéria sobre os vice-prefeitos. Desculpem-nos, senhores e senhoras.



NÃO TEM DE QUÊ!

"A Associação dos Corretores de Imóveis de Jundiaí (Aciju) agradece os cumprimentos pela passagem de mais um aniversário em que se comemorou o Dia do Corretor.

Fazendo votos que este jornal continue em seu trabalho diuturno, aqui consignamos nossa manifestação de apreço.

Herculano A. Rodrigues Oliveira (presidente)

Não tem de que, não tem de quê! A propósito, consignamos pra vocês também.

MAIS PAULISTA: SUGESTÃO PARA UMA CAMPANHA

"Li, dias atrás, num jornal desta cidade, a notícia de que o Paulista está preparando o lançamento de uma campanha, pela qual os interessados em colaborar dariam mil cruzeiros, divididos em cinco parcelas de duzentos, ao que parece.

Concordo com a idéia. Afinal, como bem disse o presidente Décio D'Angieri, se o Paulista conseguir um milhão de cruzeiros nessa base sua situação será resolvida. Mas, na minha opinião o Paulista deveria fazer uma campanha paralela, sem quan-

tia estipulada. Quem quiser dar dez cruzeiros dá, quem quiser dar vinte, trinta assim por diante. Acho que isso ajudaria muito, também, pois tem torcedor aí que quer colaborar mas não pode entrar com mil cruzeiros de uma vez, né?". Assinatura ilegível.

Fica aí a sugestão para os homens do Paulista. E o Jornal de 2a., fica à disposição para colaborar. Mesmo que a turma da numerada coberta diga que é demagogia nossa.

DE JUNDIAÍ PARA O MUNDO

"Comprei o último número da revista Ovelha Negra (n.º 3) e vi na página 21 um cartum, cuja assinatura parece com o Décio do Jornal de 2a., Gostaria de saber se é o mesmo Décio que tem feito ótimos cartuns e capas de não menos qualidade?" Luiz Antonio Gonçalves.

É o nosso Décio, Lu. Como você sabe, o jornaleco aqui também exporta qualidade. Agora, para o pessoal da geral, informamos que Ovelha Negra é um ótimo jornal cheio de cartuns. Em todas as bancas.

UM PEDIDO: FILMES DE SÁBADO E DOMINGO NA TV

"Gosto de ler a página intitulada "Variedades", mas sempre fico intrigado com uma coisa: porque a programação de televisão não traz filmes de sábado e domingo?" Celso Meneguin.

É um problema que resolveremos daqui algumas semanas, Celso. As empresas não distribuem a programação de filmes com tanta antecedência para o interior, mas estamos providenciando. Fique de olho.

UM APELO À TORCIDA DO PAULISTA

"Bem que eu poderia reclamar para outro órgão qualquer, mas prefiro escrever aos senhores. Sabe como é, aquela história de dizer-me com quem andas e eu te direi quem és...

É o seguinte, senhores: sou um torcedor fanático do Paulista e fico babando de raiva quando ouço falar de Botafogo, Ponte Preta e esse tal de Uberaba no Campeonato Brasileiro, quando, aqui pertinho da Capital, temos um clube de futebol profissional que também poderia estar nessa. Na minha opinião é preciso sacudir esta cidade, fazer com que todo mundo sinta que temos um clube na Divisão Especial e que pode elevar o nome de Jundiaí em todo o País.

Como? É claro que esse trabalho não pode se limitar a meia dúzia de abnegados, como vem acontecendo agora. É preciso que se faça uma grande campanha, que se conscientize toda a cidade de que sem uma ajuda muito grande o Paulista nunca sairá da situação em que se encontra. Vamos ficar sócios, vamos dar um cruzeiro, que seja, para o Paulista, senão nunca veremos nosso querido "Galo" dando alegrias a todos nós, integrantes de sua torcida. Estamos sofrendo, sim, mas é por culpa nossa". Inácio Guimarães Dupont.

Certo, Ignácio. Estamos com você. Vamos esquematizar uma campanha para sacudir a cidade. Está ouvindo, torcida amiga?

JUNDIAÍ CLINICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

CLÍNICA VETERINÁRIA JUNDIAÍ



Rua Dr. Pedro Soares de Camargo, 351
(trav. da Av. Jundiaí - prox. ao Ginásio de Esportes)
Aberto diariamente das 8:30 às 11:30 horas e das 13:30 às 18:00 horas.
Aos sábados das 8:30 às 12:00 horas.

Direção:
Dra. Nadia



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

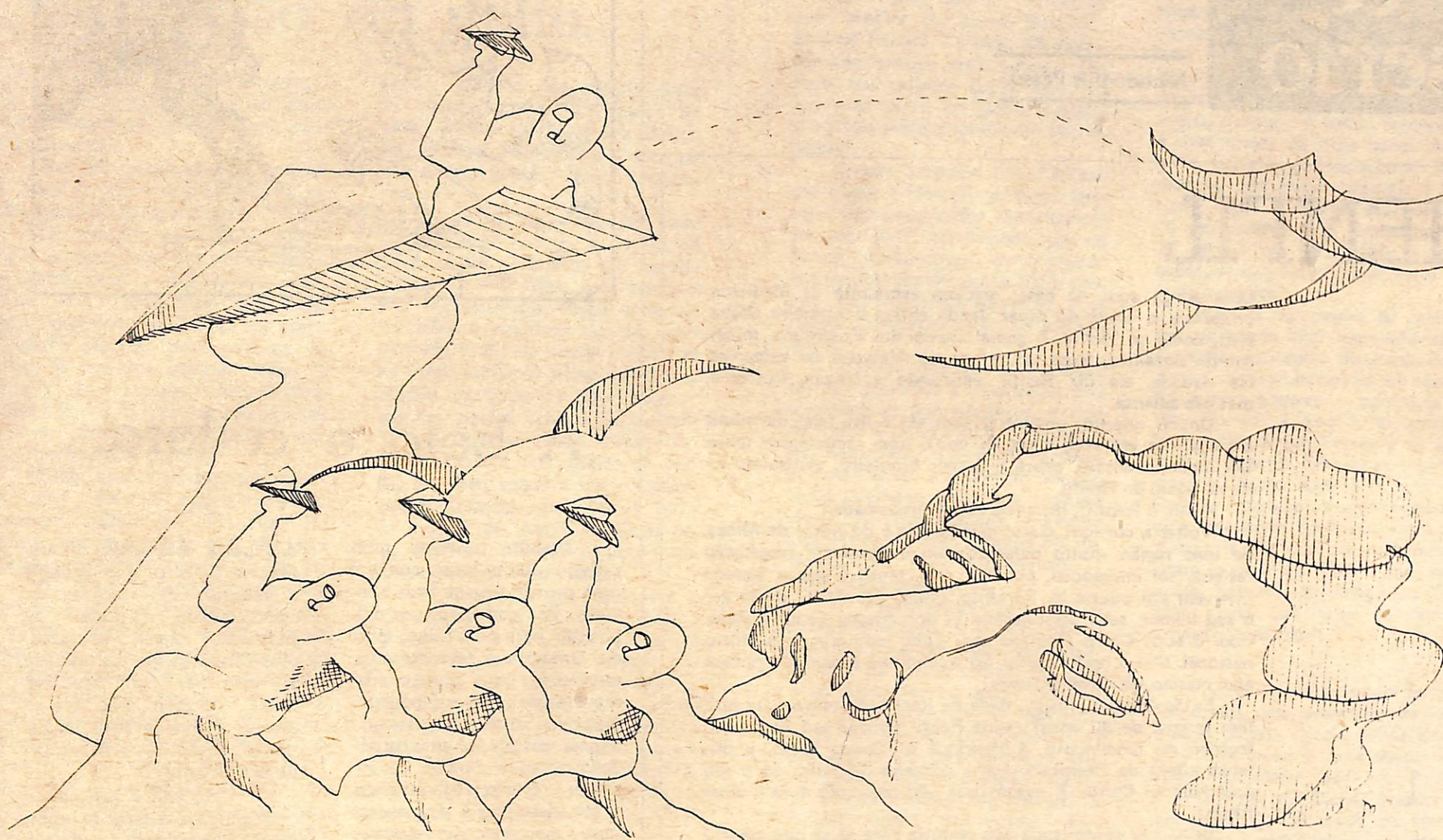
AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489



AH MABS BASES E DIRETRIZES

Angela de Barros Pinto Danon

A diretora estava furiosa. E furiosa, falava demais. O professor nunca gostara de pessoas assim. Preferia as que emburravam quando furiosas.

— Como que então, os alunos já podem, impunemente, fazer algazarras e soltar aviões de papel em plena aula?!...

O professor lembrou-se de um dia, há muitos e muitos anos passados, quando fora chamado à diretoria e — ironia? acaso? — quase pelo mesmo motivo: aviõezinhos de papel. Mas, hoje, não se sentia nem um pouco envergonhado. Tinha até um sorriso nos lábios. Discreto, mas sorriso.

— Ainda se fosse para algum fim didático! Se fosse, sei lá, para explicar como os aviões voam... Mas, assim, sem razões, sem objetivos!... É inadmissível!

Ah, o objetivo havia, sim. O objetivo era fazer com que os aviõezinhos pousassem na mesa do professor, sem cair no chão. Ele mesmo conseguira, por duas vezes seguidas!

— Ora, vamos e venhamos! O senhor pode imaginar o que eu senti ao chegar hoje nessa escola? Aqueles aviões saindo pelas janelas, aquela gritaria toda! O senhor sabe o que os pais dos alunos vão falar? E as pessoas que passavam? O senhor se esquece da responsabilidade de ser um professor?

Infelizmente, não esquecia. Ainda no começo da aula, após a leitura do texto "Profissões", discutira seriamente com seus alunos esse assunto. Zé Ângelo, treze anos, um metro e trinta, olhos grandes demais para o rosto miúdo e amarelo, vai ser mé-

dico. Jerônimo e mais outros que vêm pra escola sem sapatos vão ser engenheiros. Aviadores vão ser os quatro irmãos que foram chegando e ficando na quinta série, um por vez. Jogadores de futebol, uns dez. Inclusive o Demércio que sente muito sono sempre e desmaia algumas vezes sem que até a gente perceba. Disse que vai ser jogador de futebol e disse também um palavrão quando alguém comentou: "Do Coríntians!"

Médicos com a síndrome da fome, engenheiros descalços, jogadores de futebol raquíticos e até astronautas, meu Deus...

Foi aí que o professor decidiu: "Agora vamos fazer aviõezinhos de papel."

E à medida em que os aviões de-

colavam, volteavam e sumiam pelas janelas, o professor mais firme ficava em sua decisão: não contaria nada a eles. Deixaria que a vida fosse contando, aos pouquinhos. Talvez doesse menos. Talvez nem percebessem!

— Eu não entendo! É um absur-

do! O senhor sabe quanto custa um livro, por certo! Meu Deus, em que tempo estamos! O senhor tem sido sempre tão razoável, tão comedido! Há de entender que se isso se repete, seremos obrigados a tomar uma providência... É só.

O professor virou as costas e saiu enquanto a diretora, agora mais apreensiva que furiosa, balançava a cabeça, olhando, sobre a mesa, os aviõezinhos e num deles, um D. Pedro II sério e alheio

Advocacia

dr. Ademércio
Lourenção

dr. Alcimar A. de
Almeida

dr. Francisco V.
Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS
N: 578 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIU

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. DOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO



CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r Siqueira de Moraes n 578
8º andar conjunto 801 C

HENFIL

Uma amiga aqui da casa, graciosa estudante de Medicina, pronuncia o nome do rapaz dando ênfase à primeira sílaba, Heñ, como se Henfil, o genial criador dos Fradinhos, mineiros de Bocaíuva, fosse um gringo do Alabama ou cercanias. Na verdade, ela diz Renfil, enrolando a língua. Corrijo-a, mas não adianta.

Ontem mesmo, encontrei com ela e lhe falei da minha intenção de escrever qualquer coisa, uma reportagem talvez um modesto ensaio, sobre o humor brasileiro, centrando tudo na figura do Henfil.

— Ah, o Renfil!, interveio ela, entusiasmada.

Voltei a corrigir, claro: menina, ele é do norte de Minas, de uma região muito parecida com o Nordeste (vegetação rasteira, sol impietoso, pobreza, etc), tanto é que a Sudene intervem um pouco lá. Portanto, muito brasileiro. Basta ver o seu humor, seus personagens: os dois frades, Graúna, Zeferino, o bode Chico Orellana etc., tudo morador do território nacional. Mas o bode, apesar do sobrenome espanhol, nasceu aqui mesmo, na nossa caatinga.

Então, menina, insisti, nada de Renfil, por favor. O rapaz (em tempo: de 32 anos) assina Henfil porque seu nome, no registro de nascimento, é Henrique de Souza Filho; a primeira sílaba de Henrique com a primeira de Filho dá o seu pseudônimo. Certo? E espero que não me volte mais a dizer Renfil.

Bem, mas contei toda essa história para dizer que, dentro do meu projeto de escrever sobre o humor brasileiro, andei pesquisando coisas do Millôr, do Ziraldo, do velho Barão de Itararé (lembram-se dele?) e de outros. E do Henfil, naturalmente. Pude saber sobre o Henfil, por exemplo, que ele, para dominar o traço (a expressão corporal, talvez) e a psicologia dos seus personagens nordestinos (Graúna, o cangaceiro Zeferino e o bode), pretende viver umtempo interior do Rio Grande do Norte.

— Vou cheirar Nordeste, disse Henfil a um repórter que o entrevistou recentemente.

Uma entrevista amazônica, aliás. No final, para uma pergunta meio gasta, uma resposta surpreendente, e com a marca, claro! do seu sarcasmo:

— Qual a sua maior alegria?

— Rapaz, você não acredita: minha maior alegria é apanhar de mulher.

ETC. E TAL

Em Brasília, capital dos boatos, volta-se a falar em cassações. Muitas, dizem.

Um incrível quixote deste ano eleitoral: Josival Gonçalves, barqueiro que vive na enseada de Santa Cruz, no litoral do Espírito Santo. Lançou sua candidatura a vereador, pelo MDB, contra a Aracruz Florestal, empresa (subsidiária da multinacional Dillerud's, da Suécia) que pretende produzir 400 mil toneladas de celulose por ano, graças à fatura de matas da região.

É com isso que o barqueiro não concorda.

Nas livrarias, mais um livro do folclore político do jornalista Sebastião Nery. Um dos capítulos é dedicado aos "filósofos", como José Maria Alkimin. José Américo de

Almeida, Pinheiro Machado e um incrível José Cavalcante, que foi prefeito de Patos, PB.

De José Américo de Almeida, ex-governador do Paraíba e candidato (frustrado pelo golpe de 1937) à presidência da República:

— Paraibano não bate palma no meio do governo. Paraibano só bate palma no começo e no fim. No começo de esperança. No fim, de pena.

Faltam 63 dias para as eleições.

Fragmento de diálogo entre o professor Eugênio Gudin, que completou 90 anos há pouco tempo, e uma repórter do Rio que o entrevistava:

— Dei uma (entrevista) aos 70 anos, outra aos 80, e

agora outra aos 90.

— Ah, quer dizer então, ministro (Gudin foi ministro da Fazenda, no governo de Café Filho), que a última será dada aos...

— Não abrevie assim a bondade de Deus.

Revelação estarrecedora do senador Jarbas Passarinho, da Arena, ao jornal O Liberal, de Belém: no governo Costa e Silva utilizou-se o AI-5 para cassar de maneira mais imoral possível. Era adversário político do deputado fulano de tal? Então o deputado fulano de tal falava com o ministro sicrano e o adversário era cassado. Por subversão ou corrupção.

O senador Passarinho é insuspeito ex-ministro de dois governos da Revolução.



A bela e a fera.

Quando trabalhei num nefasto diário local, conheci uma professora que fazia a revisão. Por sua incomum disposição para o trabalho, logo ela começou a estender suas atividades para o setor de reportagem. Foi aos poucos, primeiro como um treino, depois dividindo suas atividades com a função de repórter (estava entusiasmada e até antecipou a compra de uma máquina de escrever para treinar em casa).

Encorajada pelos companheiros, seu aprendizado foi relativamente rápido. Não era o que se pode chamar de alguém que surgiu do nada e abafou de imediato. Mas, a menina tinha jeito para o negócio. Pelo menos, seus descertos ortográficos e gramaticais eram nulos.

Ela era até muito corajosa. Certa ocasião, quando um dos gráficos mostrou-se impertinente, a professora-revisora-repórter não se fez de rogada e enfrentou o inconveniente:

— Da próxima vez que você fizer isso, eu lhe parto a cara.

Parece que nunca mais foi incomodada.

Depois de minha curta permanência naquele jornal, encontrei-me muitas vezes com ela, dentro e fora da profissão. Continuava a lecionar à noite e durante o dia narrava as alegrias e desgraças da cidade.

No domingo, dia 5, tive uma desagradável surpresa: era ela a autora da reportagem sobre um lobisomem que atemoriza a população do Jardim São Camilo. Não pelo jornal, espalhafatoso e bombástico como sempre, mas por ela, que nunca havia mostrado sintomas de ter adquirido o mau-gosto daquele diário.

Para mim, era uma desconhecida.

Não sei se guardou na memória todas as conversas que tivemos sobre jornalismo. Não sei se ficaram soterra-

das pelas más idéias circundantes tudo o que pensava a respeito de matérias de oportunidade duvidosa, de angulação cheia de intenções obscuras, da necessidade de informar com base em fatos. Também não sei (e esta é a dúvida mais angustiante) se apenas recebeu ordens e as cumpriu.

O fato real é que, dando continuidade à série de reportagens sobre loiras-fantasmas, ela contribuiu acrescentando ao folclore jornalístico desta terra, uma reportagem sobre o lobisomem.

Talvez pela própria inexperience, ela não tenha compreendido o efeito nas pessoas mais ingênuas e nas mentes abertas dos supersticiosos. Um comentário qualquer que não passa das fronteiras de vizinhos acaba morrendo mais cedo ou mais tarde. Quando o boato ganha a perenidade da palavra impressa, ganha também uma espécie de aval, uma confirmação.

Pouco adianta iniciar a matéria com um "pode ser". O leitor menos esclarecido logo terá aflorado em seus pensamentos todos os medos e crenças que o acompanham desde a infância. É uma covardia tocar nessa ferida sensível sem fatos conclusivos, apenas com depoimentos e citações folclóricas e bíblicas. E onde fica a indiscutível vocação humana de inflar os comentários com suposições próprias que acabam virando afirmações?

Depois desse desserviço prestado à população, gostaria de pedir à repórter Cláudia: se sua carreira continuar dessa maneira (quem garante que não surgirão reportagens e, por que não entrevistas com os sacis, boitatás, curupiras e mulas-sem-cabeça, presentes nos mais recônditos escaninhos dos temores do povo?) eu, que conheci a antiga Cláudia, prefiro a revisora do que uma repórter desse gênero.

Carlos Kazuo

Cambuca, função da noite.

Na hora do "Angelus" começava a tocar o alto-falante do circo-teatro Cambuca anunciando a função da noite.

Mas não podia chover, porque a lona do circo era rasgada, e se chovesse não haveria função.

Os meninos do bairro cercavam o circo logo depois da janta e começavam a andar em volta dele. Não procuravam um lugar para varar porque havia um certo respeito piedoso pela pobreza do circo e também porque todos já conheciam a função, todas as atrações e todas as palavras que aqueles pobres artistas diriam para divertir aquele pobre público.

Fazia muito tempo que aquele circo estava lá, naquele mesmo terreno baldio do Vianelo. Os meninos comentavam que eles não tinham dinheiro para sair de lá.

Na frente do circo havia quatro balanças venezianas, aquelas onde duas pessoas, uma sentada na frente da outra, puxam uma corda e fazem a balança subir cada vez mais rindo. Embaixo, no chão, não havia mais grama de tanto que as pessoas pisavam, de tanto que o circo estava naquele mesmo lugar. E as cordas estavam gastas, às vezes se arrebentavam nas mãos das crianças, e as balanças paravam por falta de impulso.

Dentro do circo, igual a todos os outros, havia arquibancadas e cadeiras, aquelas cadeiras de armar, de madeira, velhas e capengas. Havia um palco, no lugar do picadeiro, porque era um circo-teatro e às vezes vinham companhias de fora para representar dramas em três atos. Quando não vinham as companhias de fora, a função ficava por conta do próprio elenco do circo, que era o pai — o velho Cambuca — um filho, uma filha, a mulher e mais duas ou três pessoas, entre as quais o palhaço "Pé de Anta", e sua cachorrinha Rizoleta. Era uma cachorrinha de trapo, amarrada a um barbante. O palhaço gritava "pula Rizoleta", puxava o barbante e a cachorrinha de trapo ia parar nos seus braços. O movimento de puxar a cachorrinha era rápido, e as crianças achavam engraçado.

O palhaço tinha dois grandes pés de pano que faziam "ploft

ploft", quando ele pisava forte no chão de tábuas do palco de circo. Tinha também um colarinho grande de palhaço e um paletó xadrez preto e branco, muito largo.

A mulher do dono do circo era também cantora, e depois de fazer alguns números de equilíbrio com a filha, que também era contorcionista, vestia uma saia vermelha e colocava alguma coisa parecida com um bustiê e aparecia no palco cantando sempre a mesma música, que tinha o refrão "caiu, sacudiu, poeira; caiu, sacudiu, poeira". A mulher tinha quase cinquenta anos e um defeito na perna, por isso todos a reconheciam, mesmo quando aparecia de novo de mulher má numa daquelas peças em três atos que o circo encenava nas funções especiais.

Os meninos que cercavam o circo durante o dia, e que viam o palhaço "Pé de Anta", sem as tintas, e que viam a mulher cozinhando num barraco atrás de lona do circo, de noite não acreditavam muito no que viam. Aquela intimidade com os artistas matava um pouco a fantasia da noite. Não há nada como a proximidade física e a convivência com os mitos para ajudar a destruí-los.

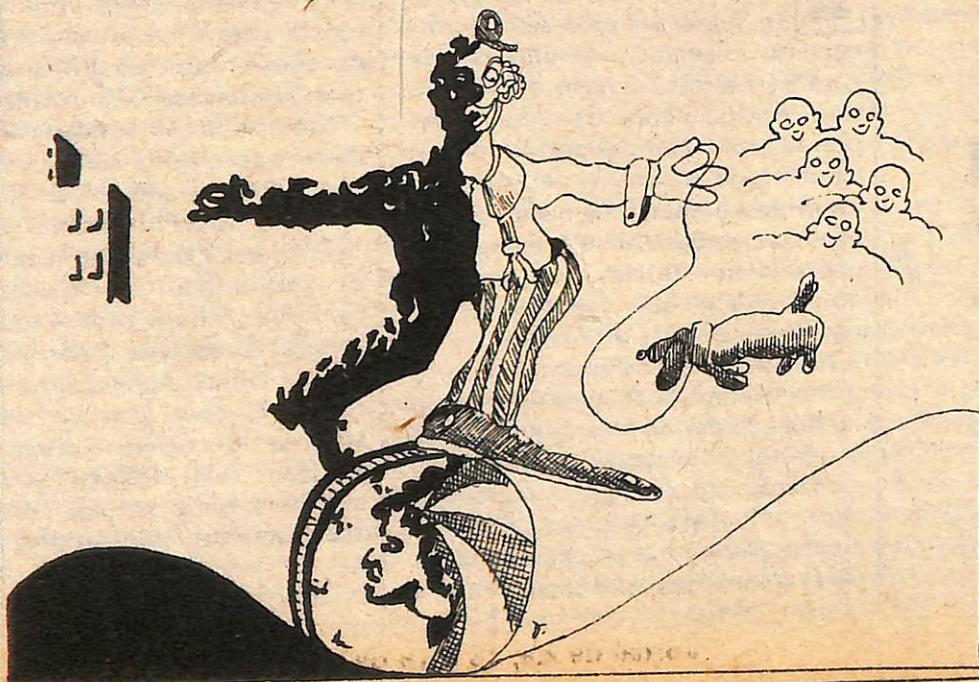
Mas para os meninos do Vianelo o circo era como um brinquedo, e de dia e de noite todos brincavam com o circo como se fosse um objeto de propriedade comum. Ele ficou tanto tempo lá que se tornou parte da paisagem.

Durante a época de chuvas o circo começou a apodrecer debaixo de sua lona. Como não havia função, não havia dinheiro, e os vizinhos começaram a ajudar a gente do circo com dinheiro e com comidas.

Não sei se foi por causa da idade, ou por causa da má alimentação, um dia o velho Cambuca apareceu doente. Alguns dias depois correu a notícia que ele tinha morrido.

Foi enterrado como todo cristão e um dia o terreno amanheceu vazio, só com um grande e redondo círculo onde a grama, de tanto ser pisada, havia morrido.

Sandro Vaia



PLANTÃO

De acordo com a "Violência, uma análise do homo brutalis", de José Pereira, "a cada 68 segundos um homem mata outro e não passa um segundo sequer que, em qualquer parte do globo, alguém não esteja praticando um ato de violência".

Arnold Toynbee ("A Civilização Posta à Prova") procurou prever o pensamento dos historiadores do ano 2047, acreditando que no futuro se considerará como grande acontecimento do século XX o choque da civilização ocidental com outras sociedades vivas, no mundo atual:

— Dirão eles que esse choque foi tão poderoso e penetrante que transtornou, por completo, a vida de todas as suas vítimas, afetando, profundamente, a conduta, as idéias os sentimentos e as crenças dos homens, mulheres e crianças, fazendo vibrar, na alma humana, as cordas insensíveis às forças materiais externas, por mais consideráveis e aterradores que fossem.

A sensibilidade reduzida a mofo é uma característica de nossos dias. Werthan, psiquiatra-criminólogo que eu gosto muito de ler e citar, comentou em seu A Sign for Cain que no meio do caminho, entre as disposições e fantasias de um lado e os atos violentos reais de outro, fica o brinquedo infantil. E ele observa um comportamento típico de nossos dias: quando as crianças brincam de sexo, ficamos alarmados; quando brincam de matar, não ficamos. Então, Werthan conclui: "se um visitante de Marte inspecionasse nossas revistas de histórias em quadrinhos e os shows de televisão de crimes e far-west, concluiria que, na terra, a união carnal é proibida e o assassinato ensinado".

A propósito, o professor Israel Drapkin, do Instituto de Criminologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, tem um conceito interessante: segundo ele, é preciso que se elimine a "falsa premissa de que as pessoas se dividem em criminosos e não criminosos". Drapkin se mostra inteiramente convencido de que "não há diferença entre delinquentes e não delinquentes: todos são seres humanos, criminosos potenciais".

Drapkin está convencido de que existem muito mais delinquentes do que os registrados pelos arquivos da Polícia. Fala numa "cifra negra" da criminalidade, segundo a qual pelo menos 50% da população comete algum tipo de delito. E, na análise de Israel Drapkin, "os crimes não registrados, ou seja, os que compõem a cifra negra, não são só pequenos delitos, mas as negociatas de muitos milhões e os crimes praticados por altas personalidades como industriais, políticos, embaixadores ou ministros, pois nem sempre a igualdade perante a lei é posta em prática.

O professor Drapkin vai além: "a massa dos criminosos encarcerados é formada por delinquentes menores, pois os grandes criminosos estão fora das penitenciárias e essa é uma das dificuldades para o estudo de criminologia: o material de análise é constituído pelos delinquentes inferiores, que não mostram um bom panorama da situação geral".

Bem que John Locke, o pensador inglês do século XVIII, coloca-

va as leis iguais para todos, seu cumprimento e execução como carências fundamentais para o viver bem em sociedade. Na verdade, há um reconhecimento tácito pela teoria do professor Drapkin. Primeiro, porque a massa carcerária é uma massa da mais baixa categoria social, semianalfabeta. Daí dizer-se, nos meios policiais e forenses, que a prisão, atualmente, "é reservada a três categorias de P" (use a sua imaginação e descubra; se não for possível, volto ao tema e explico).

Aliás, a campanha de aplicação no fundo 157, sugerindo uma fantástica sociedade, de acordo com os apelos publicitários de um banco faz a gente observar — dentro da linha "Humor S Sério", do companheiro Nicodemus Pessoa e de seu interino Ademir Fernandes — que a maioria desses inversores está na Casa de Detenção e sua maior população carcerária do fundo. De fato, a maioria das que ali estão preferiram investir no 157 — mas este como número do artigo do Código Penal que pune os crimes contra o patrimônio...

II

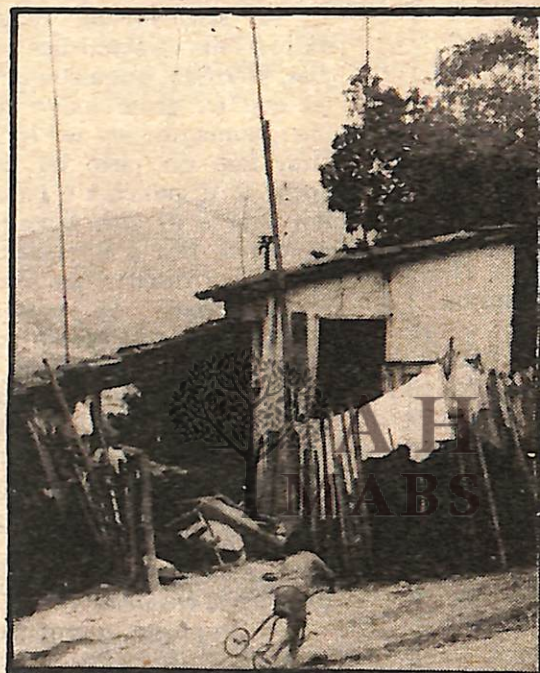
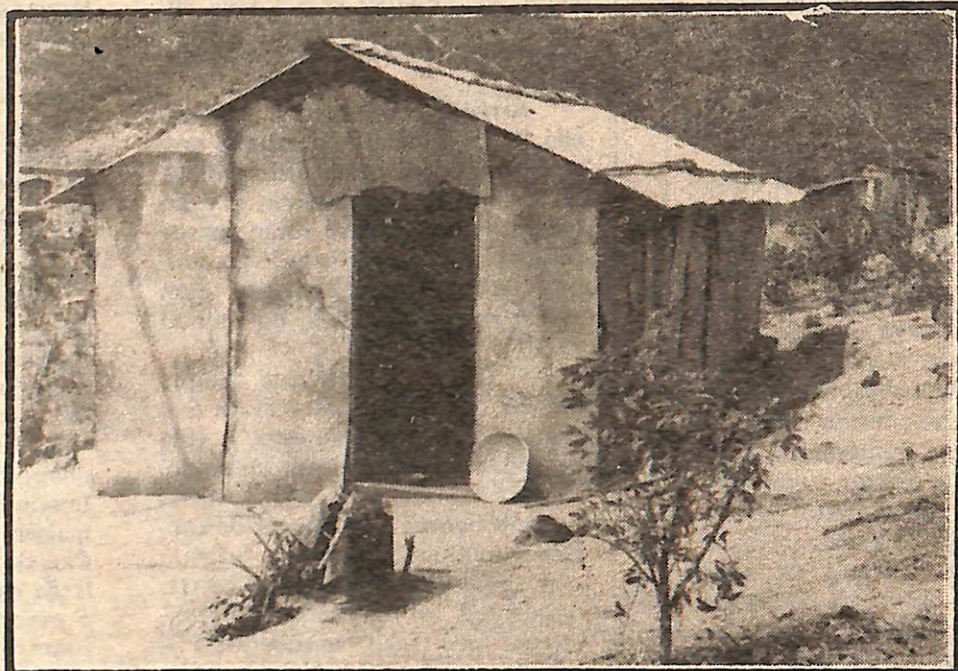
Alguns números interessantes, fornecidos pelo secretário da Promoção Social, Mário Altenfelder: 27% dos menores analfabetos do Brasil trabalham; em São Paulo, 9%. Dos 69 milhões de brasileiros em mais de 10 anos de idade, 54% estão mobilizados na força de trabalho. Dos jovens de 10 a 14 anos, 2.876.000 — 23,2%. De 15 a 19 anos de idade, o número é de 6.156.000 menores. Informa o secretário da Promoção Social:

— Com relação aos menores que trabalham, dentro das especificações que acabo de apresentar, posso acrescentar as seguintes informações: na região metropolitana de 1.441.000, 417.000 — ou seja, 27% —, conta com rendimento mensal até um e meio salário mínimo. Quatro pessoas por família. Isso corresponde a uma renda familiar de 112 a 170 cruzeiros por pessoa, por mês. Da população de 0 a 18 anos de idade (ainda na região metropolitana) com 3.279.000 menores, 16%, ou seja 577.000 provém de 17% de famílias menores favorecidas.

Assim, segundo a exposição do secretário da Promoção Social, "se cotejarmos esses dados a partir de uma macro visão sociológica da realidade nacional, chegaremos à conclusão de que um país onde a terça parte das famílias percebe de mil cruzeiros por mês e onde quase 2/3 dos habitantes economicamente ativos ganham menos de 200 cruzeiros mensalmente, o processo de marginalização que atinge os menores pertencentes a essas famílias deixa de ser uma exceção". E diz Altenfelder:

— Tal processo de marginalização, cuja última etapa é a delinquência, tem início em carências de toda sorte, impossíveis de serem supridas por uma renda mensal de 200 cruzeiros. É o clamor do presidente Geisel, do governador Paulo Egydio, de todos nós. Não podemos continuar assim. O desenvolvimento econômico tem que andar junto com o desenvolvimento social. O que se poderá exigir de uma criatura que não tem casa, não tem comida, não tem nada?

Percival de Souza



EMBAIXO, A REPRO
MATÉRIA PUBLICADA PE
EM CIMA, A T
NÃO ILUSTRARAM A REPO
E QUE MOSTR
QUE ELA NA

Uma solução inédita para atender as aspirações de progresso em alta aceleração

Jundiaí

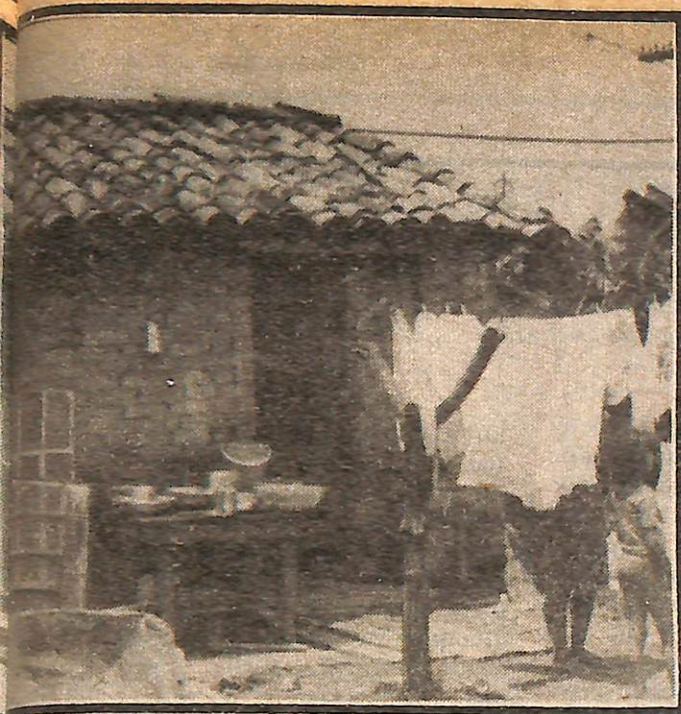
Esta cidade está antecipando o futuro

E possível, em apenas três anos e meio de trabalho, conseguir-se mudar um processo de crescimento vegetativo de uma cidade com três séculos e meio de existência? Principalmente, é possível, num período tão curto, transformar um aglomerado urbano e desordenado e em descompasso com sua própria explosão industrial e demográfica ocorrida nas últimas duas décadas, numa cidade que se compatibiliza com as exigências do futuro?

A resposta é sim, quando se toma como exemplo um município como Jundiaí. Como metrópole emergente ela é, hoje, uma prova inédita de organização urbana que se prepara, com uma infra-estrutura rigorosamente planejada e em execução, para assumir as solicitações que o futuro imediato irá reclamar. E a his-

tória da drástica mudança merece ser conhecida, como ponto de referência para uma avaliação das proporções em que se processam as alterações em sua vida urbana.

Até os anos 50, Jundiaí era uma cidade adormecida em seu passado histórico, iniciado em 1615; quando os bandeirantes fundaram um lugar na boca do sertão, como ponto de partida para suas bandeiras. Via, então, de sua produção agrícola. A partir da metade deste século, porém, a cidade industrializou-se rapidamente, com mais de 500 indústrias. Em decorrência disso, sua população rual deslocou-se para o centro urbano e, em 20 anos, o adensamento populacional passou de 31 mil para 150 mil pessoas, criando uma desarmonia gritante entre os serviços públicos e sua não



O INTEGRAL DA
VISTA "MANCHETE".
OS QUE
SEM DA "MANCHETE",
CIDADE
STROU.

A cidade que tem pressa em adequar-se para absorver desenvolvimento

ptação às novas condições vigen-
Em igual período, enquanto São
lo cresceu 150,1%, Jundiaí ex-
dia com um acréscimo de 290,5%
a área central, 369,9%. As conse-
quências disso foram a diferença
re as realizações da iniciativa pri-
e os serviços públicos, bem
mo a deterioração da qualidade
vida, além da impotência admi-
nistrativa para eliminar a defasagem
re os dois setores e a estagnação
processo de desenvolvimento in-
dustrial.

ESSE quadro crítico, porém, em
apenas 3,5 anos foi modifica-
do profundamente. Uma ad-
ministração municipal, fundamen-
ta na planificação e técnicas de
ordenamento metropolitano, conse-

guiu alterar a situação em três pon-
tos básicos: adequar o passado da
cidade ao presente e projetar esse
presente no futuro.

A ocupação irracional do solo foi
desestimulada, através de uma polí-
tica fiscal realista, que abrangeu to-
dos os demais setores onde ocor-
riam distorções, propiciando a im-
plantação da infra-estrutura que fal-
tava à cidade. Isso, por sua vez, deu
oportunidade a que se pudesse pro-
jetar e executar um plano
socioeconômico-organizacional de
Jundiaí, de modo compatível com o
futuro e, também, para harmonizar e
humanizar o crescimento da cidade.

Cumprindo sucessivas etapas dos
planos, o objetivo atual concentra-se
no preparo da estrutura necessária
para Jundiaí receber novos impulsos
desenvolvimentistas. Para tanto, está

sendo executado um Sistema Viário
Integrado, a fim de ordenar e, prin-
cipalmente, absorver o impacto de
novas iniciativas de progresso.
Como, por exemplo, as que serão
trazidas pela Via Norte, que deverá
estar concluída em 2 anos.

A TRAVÉS de vias de penetração
e marginais que se integram
entre si e aos corredores ro-
doviários da rede brasileira, o Sis-
tema Viário Integrado além de ade-
quar a cidade ao futuro, corrige a
ocupação de áreas baixas de vales
pantanosos e cria, também, a estru-
tura de apoio ao Distrito Industrial
de Jundiaí. Aí se instalam 40 novas
indústrias. O plano de obras, além
disso, é dotado de instalações inte-
gradadas de outros serviços como rede

de água, esgoto, cabos telefônicos e
elétricos, sendo o primeiro do Brasil
no gênero.

Como prova da capacidade de
Jundiaí, estes dados são eloqüentes:
Jundiaí produz 60% da louça sanitá-
ria do Brasil; tem a maior forjaria de
componentes para a indústria auto-
mobilística do país; produzindo cal-
çados, recolhe impostos altíssimos e
Jundiaí, em arrecadação federal, re-
colhe mais do que 11 estados brasi-
leiros.

Distante 60km de São Paulo, Jun-
diaí projetou sua vida de forma a
desenvolver-se com humanização.
Uma preocupação constante de seus
administradores é deixar a cidade,
apesar da proximidade da capital,
suficientemente distante da polui-
ção.

ALHOS E BUGALHOS.

Réstias de alho, punhados de sal ou tocos de velas bentas e balas de prata. Munidos de tão insólito arsenal — para o qual os tradicionais equipamentos dos jornalistas em missão de reportagem são artigos superados e até menos eficientes do que um pedaço de carvão capaz de rapidamente traçar uma cruz exorcizadora de demônios e/ou maus espíritos — os repórteres estão saindo para o trabalho, a procura de informações no dia seguinte poderão render um bom espaço no jornal e talvez até a vendagem total deste nas bancas.

Palmilhando por lugares baldios, como cavernas ou encruzilhadas, podem esses moços não estar levando uma pauta, mas já sabem que a

técnica é a abordagem de gente simples e ingênua de bairros social e culturalmente menos favorecidos, mesma massa que depois será galvanizada pela notícia estampada.

Estranha para quem faz o jornalismo convencional, isto é aquele para o qual só os fatos concretos e terrenos interessam, essa tarefa tem sido encarada como muito natural pela plêiade de repórteres que hoje está fazendo um hábito servir seus leitores com matérias sobre uma suposta jovem loira fantasma (não importa se no desenrolar das investigações derem a uma mulher de idade e cor parda que morreu atropelada na Anhanguera, perto de São Paulo) ou sobre a descoberta de mais um

cão com suas estranhas misteriosamente sugadas, talvez por um vampiro ou lobisomem.

O que convém a eles são as reportagens que serão consumidas no dia seguinte, com títulos mais ou menos assim tremulando no alto da página: "Lobisomem assusta a população do Jardim São Camilo" ou "O mistério da loira que virou polêmica na cidade".

Se isso vai assustar crianças ou adultos crédulos não é coisa de importância, tanto que o trabalho "jornalístico" tem sido atacado com feroz agressividade, a ponto dos próprios autores das matérias já se permitirem a intimidades como a de tratarem lobisomem de apenas lobisa ou de chamar a dita loira fantasma de a nossa amiga.

Fora o mau gosto e a permissividade da direção do jornal, o pior que se observa é a convicção de que se acham imbuídos os próprios autores do trabalho. Ou são cínicos e sado-masoquistas, ou acreditam mesmo que estão fazendo um serviço sério. A última hipótese nos parece mais viável e isso é triste, porque a coisa poderá desdobrar-se, não sendo estranho se a determinada altura o órgão adotar uma figura cabalística em seu logotipo e rebatizar-se como **Jornal das Catacumbas**, mas consentaneamente com suas atuais atividades nigromânticas.

Dentro desse espírito, não será novidade se o sobrenatural incorporar-se por inteiro ao jornal, vindo a redatora social — por exemplo —

noticiar o casamento entre o incubo e súcubo e o repórter esportivo, embora não familiarizado com assuntos de turf, acabar prognosticando o favoritismo de uma certa mula sem cabeça num páreo qualquer na Cidade Jardim. Nesse fantástico desfile, outras extravagâncias poderão vir a acontecer, como o aparecimento de sereia e em conserva entre as novidades da coluna de empresas e até as diabruras do saci-pererê poderão chegar a "side" de reportagem de alguma gincana.

Para o editorialista, restará o consolo de falar de um miningildo, tentando a defesa de bichos-papões que andam por aí, desafiando a credibilidade de muita gente. (A.B.)

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista — Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, três banheiros, quintal. Oferta: Villar.

Parque do Colégio — Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. Oferta: Ribeiro.

Anhangabau — Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. Oferta: Villar.

Vila Liberdade — Nova, living, copa-cozinha, banheiro, dois dormitórios, área de serviço, dependência para empregada, abrigo etc. 450 mil cruzeiros. Pode ser financiada. Oferta: Ribeiro.

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem, lavanderia, dependência de empregada. Cr\$... 1.300.000,00. Oferta: Central de Imóveis.

Anhangabau — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência de empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta: Central de Imóveis.

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suíte e closet, lavabo,

copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência de empregada, garagem para seis carros. Cr\$... 800.000,00. Oferta: Central de Imóveis.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Parque do Colégio — Excelente localização, 3.200 m², com uma casa em construção e casa de caseiro, frente para duas ruas. Oferta: Ribeiro.

Malota — magnífica chácara, 5.000 m², entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suíte, vestíbulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregadas. Cr\$ 1.800.000,00 (977). Oferta: Central de Imóveis.

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala 2 ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m² de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. 2.500.000,00 (1.230). Oferta: Central de Imóveis.

Chácara de recreio ou moradia — Área de 700 m², casa sede com 4 dormitórios, sendo um tipo apartamento, sala, cozinha, banheiro e outro apartamento ao lado, toda cercada, formada com árvores frutíferas, gramado, lindos bosques com mesa

para churrasco, lago com peixes, cinco nascentes, toda iluminada com instalações embutidas, telefone urbano. Preço: Cr\$ 1.200.000,00, com 50% de entrada e saldo a combinar. Oferta: Recreio Lar.

Bairro do Engordadouro — 36.000 m². (em frente ao Clube Jundiense), com 3 casas simples, lago (15 x 80), pomar, etc. lugar pitoresco. Ocasão. Aceita-se casa de menor valor como parte de pagamento. Oferta: Ribeiro.

ÁREAS E TERRENOS

Anhangabau — Área de 1000 metros quadrados mais ou menos, local excelente para prédio de apartamentos ou salas para escritório, próximo ao Fórum. Preço: Cr\$... 1.500,00 o m², estuda-se algumas facilidades. Oferta: Recreio Lar.

ANHANGABAU: - Área de terreno medindo 14x50, igual a 700 m², excelente local para prédio de apartamentos. Preço e condições nesta imobiliária. Oferta: Recreio Lar.

Retiro — Terreno com água, luz e esgoto. 10 x 30, Cr\$... 55.000,00. Oferta: Buzzetto.

Área industrial — Totalmente. 98.000 m². Cr\$ 15,00 m². Oferta: Buzzetto.

Vila Hortolândia — Terreno totalmente plano, água, luz, esgoto. Cr\$ 80.000,00. Oferta: Buzzetto.

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m². A primeira só com mata e água corrente, a segunda com mata, 2 córregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar

recreativo e pitoresco. Distância de Jundiá: 4 km. Ocasão. Oferta: Ribeiro.

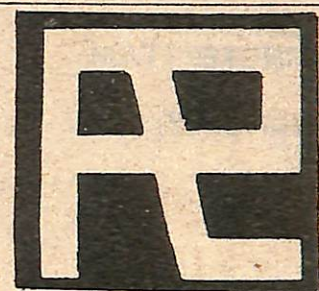
Área — Bem localizada, 168.000 m². Oferta: Villar

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



Recreio Lar

Imóveis e Administração
Av. Jundiá, 667
Fones 6-4108 6-5888

BUZZETTO IMÓVEIS

Rua Secundino Veiga, 95 Fone 436-1122



VILLAR IMÓVEIS

Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 — 434-0222



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1.080
Fone 434-3311



BANDEIRAS MOFADAS.

O Paulista FC estreou domingo no Torneio Incentivo "Geraldo José de Almeida", em jogo contra o Juventus, em São Paulo. Ilzo Nery, o técnico da equipe local, pediu compreensão à torcida do Paulista porque o time está em fase de formação (no instante em que estas linhas foram escritas, o jogo não tinha ainda sido realizado).

É um pedido até que muito justo. Ilzo foi contratado num instante dos mais amargos da vida do Paulista. Os profissionais disponíveis não são em número suficiente para formar sequer uma equipe de 11 jogadores. Para completar, estão aproveitando juvenis.

Mas pedir compreensão pode ser até demais para o torcedor jundiaense, que vibrou quando o time subiu para a Divisão Especial e essa alegria se esconde há muitos anos atrás dos insucessos. E tantos foram que os jundiaenses, à exceção de uns poucos espíritos abnegados, acabaram por se desinteressar completamente.

Na verdade, não é sem inveja que os pulmões locais ansiosos por gritar "Ganhemos" vêem na vizinha Campinas duas equipes que, com

maior ou menor brilho, aparecem nos campeonatos maiores. É preciso, e isto é o mais importante, investir na torcida com vitórias.

As bandeiras tricolores que hoje estão cobertas com o mofo das repetidas decepções ainda poderão tremular nos estádios. É dos jogadores que depende e, como o próprio Ilzo falou dias atrás, não adianta o jogador reclamar e jogar de má vontade porque o pagamento está atrasado. Vencer é preciso, pois só a esperança da rouquidão por gritar "gol" é que leva o torcedor a deixar sua cerveja de domingo à tarde para enfrentar o sol ou a chuva. E com renda, o pagamento é feito em dia.

Ilzo quer trabalhar dentro das atuais condições. Ainda é um pouco cedo para qualquer tipo de prognóstico, mas dentro de um campeonato de times desclassificados talvez aumentem as chances do Paulista. E talvez os torcedores voltem ao estádio, não mais para sentir apenas o amargor das derrotas, mas quem sabe, para degustar com a fome de todos estes anos de fracasso, algumas vitórias.

O TORNEIO

Domingo próximo, o Paulista joga em Jundiaí contra o São Bento; dia 29, tem compromisso em Santos; e encerrando o primeiro turno, enfrenta o XV no dia 3 de outubro, em Jayme Cintra. No retorno os jogos serão em Jundiaí (dia 10 de outubro, contra o Juventus), Sorocaba (dia 17 Jundiaí (dia 27, contra a Portuguesa) e Sorocaba (dia 31).

Das Olimpíadas aos Jogos Abertos, os fracassos do nosso esporte.

Já houve um tempo em que os Jogos Abertos do Interior, além de uma grande festa de conagração, constituíam-se em fonte de indicadores válidos dos avanços dos nossos esportes.

Pelas notícias que estão chegando da cidade de Tupã, nota-se que também os Jogos Abertos, afetados agora pelo vírus da política nociva, do despreparo de certas administrações, e pelo eterno espírito de improvisação e do empirismo dos dirigentes, se transformaram no mais lamentável fracasso dos últimos anos.

Não haverá, por exemplo competições de tênis e de atletismo, por falta de local adequado para essas disputas. A chuva — um elemento meteorológico de fácil previsão e de elevada ocorrência simplesmente não foi levada em conta pelos organizadores dos Jogos, que não estavam preparados para ela. A desorganização também tumultuou terrivelmente o torneio de futebol, onde foram tomadas algumas decisões sem levar em conta o que dizia o próprio regulamento.

A fixação de índices considerados absurdos para as provas de natação, também

foram criticadas pelos técnicos dessa modalidade, porque serviram apenas para afastar das competições alguns atletas em fase de preparação para competições mais importantes, e que nesta época do ano, não estão em condições de atingir os índices fixados pelos organizadores.

E todo esse ambiente de desorganização, menos de dois meses depois da lamentável participação brasileira nas Olimpíadas de Montreal, só pode despertar dúvidas quanto ao futuro do esporte amador brasileiro.

Como acontece sempre ao final das Olimpíadas, muitas vezes se levantam para chamar contra as falhas da infraestrutura do nosso esporte amador, e para recomendar adoção de mirabolantes planos que, se levados à prática, nos conduziriam, nos próximos Jogos Olímpicos, a uma participação mais digna e mais colorida. E esses planos, assim que terminam os ecos olímpicos, são engavetados, esquecidos, para serem ressuscitados novamente às vésperas da organização de delegação brasileira que vai

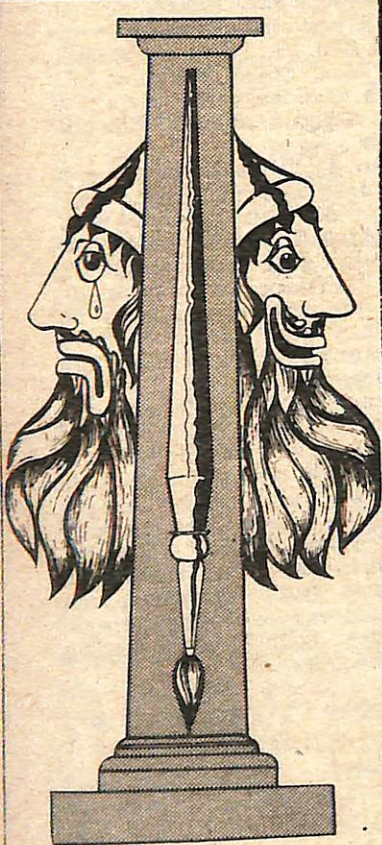
competir. Ai então todos se lembram dos erros, todos se levantam para apontar as falhas, e para criticar o que não foi feito.

Agora mesmo, acaba de ser realizado no Rio um seminário do Plano Nacional de Educação Física e Deportes — PNED, cujo objetivo é traçar diretrizes para uma melhoria da base nos nossos esportes amadores, a médio e longo prazo.

Teorizou-se muito nesse seminário sobre o futuro do nosso esporte amador. Lançaram-se idéias e planos para levar a prática do esporte às escolas, às fábricas, de modo a formar atletas capacitados para representar o Brasil em competições internacionais.

Todos estão de acordo em um ponto básico: é preciso fazer alguma coisa para melhorar.

Mas quando se passa da teoria à prática, o espetáculo se repete, deprimente. E o fracasso dos Jogos Abertos de Tupã é bem uma mostra da diferença que vai entre as belas palavras e os atos. Como fazer um papel digno em uma Olimpíada se não se consegue sequer organizar simples Jogos Abertos?



A ARTE VAI FALAR
MAIS ALTO EM
OUTUBRO. OUTRA VEZ



DECIO DENARDI

desenhos - anúncios - logotipos - folhetos - cartazes

rua das bandeirantes, 683 - fone 6-8066 - Jundiaí



ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM

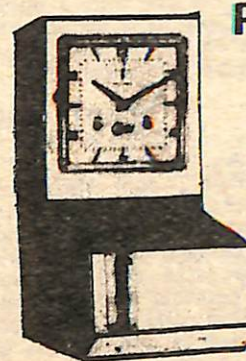
Plataformas - Estruturas Leves e Pesadas

"Shed - Duas Águas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.



ESCRITÓRIO JUNDIAÍ:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 — FONE, 6-5441



**RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL**

REVENDEDOR AUTORIZADO
**COMERCIAL PANIZZA
LTDA**

BARRAO-427 FONE-6-8231

Do Guido

**RESTAURANTE
Wyskeria**

Carnes - "Santa Gertrudes"

Chopp - Claro e Escuro

Aguarda a sua visita

Rosário, 670 - fone 4-3201



Gassmann e Tognazzi no melhor filme da semana

"Esse crime chamado justiça", de Dino Risi, com Vittorio Gassmann e Ugo Tognazzi, é um dos filmes que salvam a semana em Jundiaí. Além dele, dá para ver "Sidharta", baseado em Hermann Hesse, e "O Casamento de Arnaldo Jabor, e "Borsalino & Cia", com Alain Delon. Os outros — "A Ilha das Cangaceiras Virgens", "O Paraíso das Solteironas" e "Amargo Sabor de Sexo", podem ser trocados por um passeio no Jumbo.

Borsalino & Cia — Segundo filme da série. O primeiro foi com Alain Delon e Jean Paul Belmondo. Neste, Delon faz dupla com o excelente Ricardo Cucciola ("Sacco & Vanzetti"). Um mafioso jura vingar a morte do companheiro. De 13 a 15 no Marabá

Esse Crime Chamado Justiça Direção de Dino Risi, com

Vittorio Gassmann, Ugo Tognazzi e Yvonne Fourneau. Bonfazi, juiz honesto e contra qualquer tipo de corrupção, é incumbido de um enquérito relativo à morte de uma jovem, ocorrida em circunstâncias estranhas. E, no decorrer do interrogatório, ele descobre que um importante industrial está envolvido. Melhor filme da semana. De 16 a 18 no Marabá.

O Casamento — Direção de Arnaldo Jabor. Último filme da atriz Adriana Prieto, morta num desastre automobilístico. O enredo desenvolve-se durante 48 horas antes do casamento de Glorinha (Adriana), filha de um próspero homem de negócios, Sabino (Paulo Porto). Como pai, Sabino está feliz; como homem, desesperado. O estranho amor pela filha o

angústia. Incapaz de se decidir, ele arrasta-se em contradições e desesperadas tentativas de se manter lúcido. Para acentuar ainda mais os problemas de Sabino, o médico da família denuncia que seu futuro genro foi surpreendido beijando um homem na boca. Esse filme de Jabor é baseado na peça de Nelson Rodrigues. Ainda com Camila Amado, Fregolente, Érico Vidal e André Valli. Dia 19, no Marabá.

IPIRANGA

No Cine Ipiranga, uma semana cheia para os amantes da pornochanchada: "A Ilha das Cangaceiras Virgens" de 13 a 14, com Wilza Carla, Carlos Imperial e Helena Ramos, e "O Paraíso das Solteironas", com Mazzaroppi, de 17 a 18, filmes que dispõem maiores comentários



No Marabá, o último filme de Adriana.

(o cinema vai lotar, mesmo.)
Os outros filmes:

Sidharta — Baseado no livro de Hermann Hesse, com Shashi Kapoor, Romesh Sharma e Pincho Kapoor. É o drama espiritual de um jovem chamado Sidharta, que procura

uma vida diferente, com sabedoria e sentido. Filme para ser assistido com muita atenção. Foi totalmente filmado na Índia. Dias 15 e 16. **Amargo Sabor do Sexo** — Com Tab Hunter e Roberta Collins. O título do filme diz tudo. Dia 19.

FILMES NA TV

SEGUNDA-FEIRA

Às 13 horas, no 2, "Os Encantos de Eva", uma comédia com Ann Miller. Refilmagem mixturada de "Aconteceu Naquela Noite", a fita famosa de Frank Capra. Às 14, no 5, "Apaixonados", com Cornel Wilde. A história foi modificada pelos produtores para ter um "happy end". Bem feito pra eles.

Às 21, no 7, "Cantiga Para Matar", com Robert Hooks e Stephen Brooks. Dois ex-policiais tornam-se detetives particulares e saem à caça de um criminoso procurado há 12 anos. Apesar de ser reprise, é assistível; às 23, no 2, "Ninguém Crê em Mim", com Arthur Kennedy, Ruth Roman, Barbara Hale e Bobby Driscoll. Um menino mentiroso, vê um crime mas ninguém acredita nele. O filme será apresentado até quinta-feira. Assista às 24, no 4 "Qual será nosso amanhã", com Van Heflin, Aldo Ray, Tab Hunter, Dorothy Malone. O diretor Raoul Walsh deu um tratamento decente ao primeiro livro de Leon Uris. Se estiver com insônia, é uma boa distração; no 7, "Os Sete Texanos", com Fernando Sancho e o resto. Mais um tiroteio à italiana; no 5 "O Xerife de Queixo Quebrado" dirigido por Raoul Walsh (o mesmo do filme do 4). Primeiro faroeste rodado por americanos na Europa, com Kenneth Moore, Jayne Mansfield (quem não se lembra dela, tão bem dotada?) e Robert Morley. O filme tem boas situações engraçadas; no 13, "Redenção Sangrenta", com John Garfield, Patricia Neal. Mesma história do filme "Aconteceu em Martinica". Ambos foram baseados num mesmo livro de Hemingway. Dá pra assistir.

TERÇA-FEIRA

Às 13 horas, no 2, "Juventude Talentosa", com Leslie Brooks. Continue a fazer a sesta que é melhor; às 14, no 5, "A Fonte dos Desejos", com Jean Peters, Rossano Brazzi e Louis Jourdan. Três secretárias atiram moedas na fonte Trevi, em

Roma, pedindo um príncipe encantado. Pra quem gosta da Itália.

Às 23, no 4, "As Maliciosas Aventuras de Uma Loira", com Elke Sommer, Bob Crane e Joey Forman. Comédia leve e espontânea, envolvendo gangsters, agente da CIA e espiões comunistas. A maioria dos espectadores ainda preferiria se envolver com a loira Elke. Vale como entretenimento no 13, "O Pecado Mora ao Lado", com Marilyn Monroe, Tom Ewell e Evelyn Keyes. Antes que um drama passionnal, reflete o "american way of life" dos anos 50. Um publicitário envia a mulher e o filho para as férias de verão e conhece a vizinha, que não é outra senão o símbolo-sexy maior, Marilyn; às 24, no 5, "Caçada Humana", o melhor filme da noite. Com Marlon Brando vivendo um xerife que se rebela contra a inutilidade da violência. Além dele, aparecem Robert Redford, Martha Hayer e Angie Dickinson; no 7, "As Carícias de Luxo", comédia com a dupla Doris Day e Cary Grant. É a história eterna da menina pobre e o sonho com o príncipe encantado. O filme tem lá suas graças.

QUARTA-FEIRA

Às 13 horas, no 2, "Dois Marujos e um Pato", com Mickey Rooney, Buddy Hackett, Jackie Cooper. Dois marinheiros encontram um pato que fala. E não era o Pato Donald. Os críticos preferem esse pato assado; às 14, no 5, "O Valente Treme-Treme", comédia com Bob Hope e Jane Russell. Não tem nada a ver com edifícios que tem esse apelido. Um dentista vai para o Oeste e se envolve com todos os representantes da fauna dos tiroteios. Mande as crianças para a piscina e vá junto.

Às 24, no 7, "Terror nos Céus", com Laif Ericsson e Doug McClure. Ex-piloto de helicóptero no Vietnã e uma aeromoça assumem comando de um avião comercial. Tem suspense razoável; no 13, "Anastácia, a princesa esquecida", com Ingrid Bergman, Yul Brynner, Akim Tamiroff. Refugiada é

escolhida por russos brancos de Paris para se passar pela princesa Anastácia, filha de tzar, e receber grande herança.

Às 23h30, no 4, "A Noiva Estava de Preto", com Jeanne Moreau, Jean-Claudy Brialy. Direção: François Truffaut. Moça assiste a morte do noivo no dia de seu casamento, na porta da igreja. Munida de arco e flecha sai a caça dos criminosos.

Às 24, no 5, "Volta Meu Amor", com Doris Day, Rock Hudson e Tony Randall. Parece que deu Ibope o filme com o mesmo trio na semana passada. De novo, Randall é o melhor. Ele faz o papel de patrão de Hudson que resolve conquistar sua rival no campo publicitário.

Às 0h45, no 13, "As Aventuras do Capitão Fabian", com Errol Flynn, Micheline Presle, Vicent Price e outras reliquias. Acredite se quiser, mas fontes fidedignas garantem que é inédito e chocho.

QUINTA-FEIRA

Às 13 horas, no 2, "A Sedutora", com Adele Jergens, Stevens Dunne. Sem graça nenhuma. Às 14, no 5, "A Gata dos Meus Sonhos" desenho animado de 1h30, fora os comerciais. A história é simpática. Judy Garland e Robert Goulet participam cantando.

Às 21, no 7, "O Maldito Castelo Montego", com Scott Brady e Virginia Mayo. Cientista morre e programa robô para matar todos que encontrar. Olhe no espelho e diga "bu" fazendo careta. É capaz de causar mais medo que o filme.

Às 23, no 13, "A Noite da Emboscada", com Gregory Peck, Eva Marie Saint. Uma mistura bem dosada de bom faroste suspense e terror. Peck é um batedor que encontra uma mulher branca e seu filho vivendo entre os apaches.

Às 24, no 4, "Crown, O Magnífico", com Steve McQueen e Faye Dunaway. Milionário pratica roubo em banco e uma agente de seguros simula romance para fazê-lo devolver o dinheiro, sem compromissos

maiores, é aceitável; no 5, "Uma Sombra Passou Por Mim", com Rod Steiger e Clarie Bloom. Baseado no livro de Ray Bradbury, "The Illustrated Man".

SEXTA-FEIRA

Às 13 horas, no 2, "Beleza em Desfile", com Robert Hutton e Ruth Warrick. Nada de mais; às 14, no 5, "Aladim e a Princesa de Bagdá", com Cornel Wilde, Evelyn Keyes. A história é bastante conhecida.

Às 21, no 13, "Beijos Proibidos", direção de François Truffaut, com Jean Pierre Leaud, Claude Jade. História ingênua sobre sonhos de adolescentes, montada em torno das relações entre dois jovens.

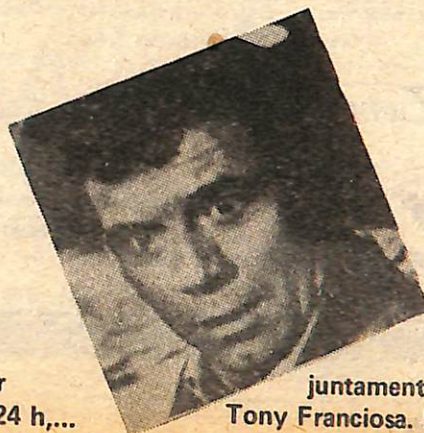
Às 23, no 2, "Profissão Perigosa", com George Raft e Pat O'Brien. Policial sobre tráfico de brancas, chantagem e assassinato. Bom. No 13, "Davi e Betsabá", com Gregory Peck, Susan Hayward, File bíblico, história passionnal e tem até a luta de Davi contra o gigante Golias. Pena que está ultrapassada.

Às 24, no 4, "Uma Loira por Um Milhão", com Jack Lemmon, Walter Matthau (Sequestro do Metrô) e Judi West. História de vigarice bem feita; no 5, "Desejo Atormentado", com Claudia Cardinale, Toni Fraciosa, Em Trieste um pobre escrivão descobre que ama uma prostituta; no 7, "Esse Homem é Meu", faroste com Clark Gable e Eleanor Parker. Os críticos disseram: "pode ficar com ele".

Às 9h30, no 13, "Nas Malhas da Espionagem", com Rosalind Russel e Darren McGavin. Viuva entediada oferece seus serviços CIA, Espiar seus vizinhos vai ser mais divertido que assistir a este final; às 2 horas, no 5, "Loucos de Amor", comédia com Harpo, Chico e Groucho, os fantásticos Irmãos Max. Uma das últimas comédias dele. Groucho é um detetive que vai investigar o desaparecimento de diamantes. Atenção para Marilyn Monroe, fazendo graça.



Claudia Cardinale vai estar no filme de sexta, no canal 13, às 24 h,...



juntamente com... Tony Fraciosa. É uma boa pedida.



Duzentas fitas depois, o melhor LP de Beth Carvalho.

Não foi um trabalho fácil: Elizabeth Santos Leal de Carvalho e Rildo Hora ouviram mais de duzentas fitas até chegarem à seleção final do LP "Mundo Melhor", o primeiro que ela faz em sua volta à RCA Victor e que, com menos de um mês de lançamento, já está sendo um dos mais vendidos no País:

— Não foi brincadeira! — conta ela — E nunca vi tanto astral bom, capacidade, sensibilidade e responsabilidade reunidas numa só pessoa incrível e maravilhosa: Rildo Hora. Amigo. Fala a minha língua. E, sobretudo, é músico — o que é muito importante.

O nome, "Mundo Melhor", foi a própria Beth Carvalho quem escolheu:

— Externa a minha esperança e a de muita gente. Falamos em Ziraldo e ele fez a capa rapidinho. Vinícius, meu poezinho, fez a contracapa, com muito carinho.

"Morreu/ O nosso amor morreu/ Mas cá pra nós/ antes ele do que eu/ Nosso amor não resistiu/ aos assédios da traição/ Lá, um dia ele ruiu/ Mas deixou uma lição/ Que as pessoas têm seus preços/ Tabeledos por seus atos/ Para mim, você foi Judas/ Pra você, eu fui Pilatos".

Essa é a música mais tocada nas emissoras de rádio: "Antes ele do que eu" de Paulinho Soares.

— Paulinho Soares é um compositor jovem, ligado ao samba como eu. Além de outras músicas de qualidade que ele fez, é autor desta, que me sensibilizou muito pela força do refrão, e pelos versos da segunda parte, principalmente quando diz: "Não há pano pra remendo/ Nem há linha pra arremate/ Inda mais que o destino/ Nunca foi bom alfaiate". Por tudo isso, pela forma simples desse samba, nós o escolhemos para abrir o disco, dando uma idéia do que se pretende mostrar depois.

Nascida no Rio (bairro da Gamboa), no dia 5 de maio de 1946 — por coincidência, é a data também

do aniversário do pai— Beth Carvalho foi criada na Zona Sul. Não há nenhum músico em sua família a não ser sua avó, que, com 87 anos, ainda toca bandolim:

— Essa minha avó é de Piauí e foi uma espécie de revolucionária. Uma inovadora. Quando eu chego lá, não sou Beth Carvalho, sou a neta da dona Ressa (Maria da Ressureição). Ela é uma mulher muito liberal e liberta. Acho que esse gosto que eu tenho pela música deve ser alguma herança dela.

Outra música do LP — "Quero Alegria", de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, também está sendo muito bem elogiada (na verdade, uma boa parte da crítica especializada acha que este é o melhor LP de Beth Carvalho, um dos chamados "discos do ano"):

"Eu já sei/ Por que choras, palhaço/ Eu já sei/ Que alguém não te quer/ Enxuga o teu pranto/ O que não falta/ neste mundo/ é mulher"

— Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito. Uma dupla que deixa a gente feliz por poder cantar.

Mas essa carioca que aprendeu a tocar violão aos 15 anos de idade e que está lançando seu quinto LP mostra toda sua felicidade é mesmo na música que dá título ao LP — "Mundo Melhor", de Pixinguinha:

"Você que está me escutando/ É mesmo com você/ que estou falando agora/ Você pensa que é bem/ Não gostar de ninguém/ e que o amor tem hora/ Preste atenção, meu ouvinte/ O negócio é o seguinte/ a coisa não demora/ E se você se retrai/ Você vai entrar bem/ Ora, se vai/.

Essa música dá título ao LP por dois motivos, conta Beth:

— Primeiramente, a homenagem a Pixinguinha e a Vinícius de Moraes, esses dois queridos compositores. O segundo motivo é a esperança que eu e Vinícius temos, e acredito que muita gente também tenha, de um mundo melhor.

Mário Lago fala de seu novo livro: Memórias? Não...

Livro de memórias? Não, Mário Lago prefere dar outro nome a seu novo livro:

— Acho livro de memórias um nome muito pomposo. "Na Rolança do Tempo", são colagens existenciais. Mas são memórias mesmo. Memórias sem nostalgia, como diz Flávia Villas Boas, de Última Hora do Rio, que entrevistou o escritor na véspera do lançamento de seu novo livro, na Livraria Eldorado, no Posto Seis.

— No capítulo "Eu Lago Sou", analiso as minhas origens familiares, desde o século XV. Todos os Lagos são parentes e eu me interessei pelo assunto quando descobri que teve um que traiu a Inconfidência Mineira. Isso

me deixou... da vida.

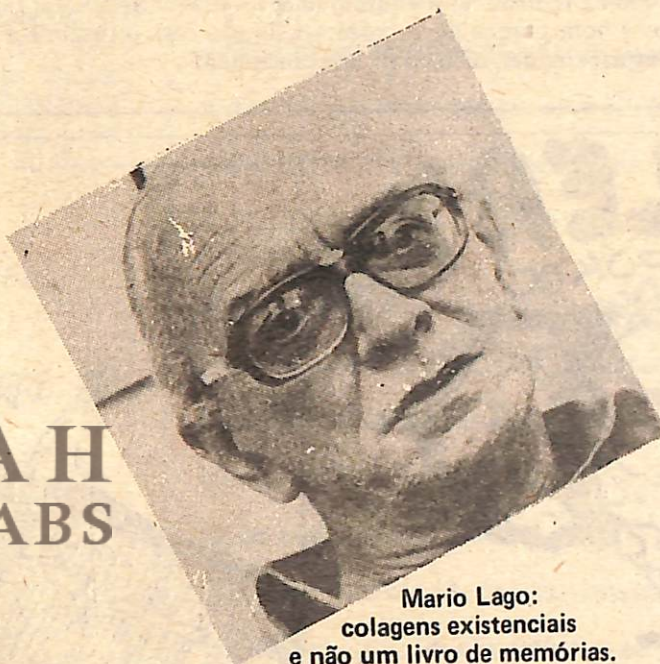
Em "Importante era o bidê de minha avó", Mário Lago fala das mudanças na cidade, nos hábitos e nos costumes:

— Minha avó era a pessoa mais conservadora do mundo. A vizinha que ia conversar com ela ficava chorando os tempos passados. Minha avó dizia: "Mas não havia ferro elétrico, geladeira. E não havia bidê..." Eu até hoje acho engraçado ela dizer isso no fim da vida, com noventa anos.

Antes desse livro, Mário Lago lançou "Chico Nunes das Alagoas", com grande aceitação até hoje. Mas ainda há quem o conheça apenas como o autor de "Amé-

lia", ou o personagem de algumas novelas de televisão. Aliás, ele faz um revelação sobre o nome — Amélia:

— Amélia vem do radical germânico Amalf, que quer dizer submissão. A música é de 1942. Em 1944, eu já tinha feito uma autocrítica: ela não é a mulher ideal. Ideal é aquela que diz: "Não tem o que comer? Então vamos pra rua brigar para conseguir". Além disso, não vejo por que perguntar se "Amélia já era" ou não. Se a questão é melhorar os salários da mulher, está certo. Mas se as coisas fossem como a gente quer não haveria necessidade de perguntar se Amélia já era. É o que existe na letra de Amélia é ternura e solidariedade.



Mário Lago: colagens existenciais e não um livro de memórias.

UM DIA DE CÃO E OUTROS LANÇAMENTOS.

Um Dia de Cão — De Patrick Mann, Record, Cr\$ 42,00. É a história que se tornou filme, baseada na vida real, de um homem que tenta assaltar um banco em Nova York; queria conseguir dinheiro para custear uma operação que transformaria seu amigo homossexual em mulher.

Serviço Secreto de Israel — De Eliezer Strauch, Editora Summus, Cr\$ 50,00. O autor conta a história dessa organização, de seu início até nossos dias, atualizando-a com os recentes acontecimentos em Uganda (ele acompanhou o episódio como correspondente de um jornal brasileiro).

O Livro dos Danados — De Charles Fort, Hemmus, Cr\$ 60,00. Fort expõe suas idéias, questiona o real, procura qual das múltiplas interpretações para um mesmo fato é verdadeira.

GABINETE RUY BARBOSA

No Gabinete Ruy Barbosa você já pode encontrar estas novidades:

A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade — De Heleith Iara Bongiovanni. Editora Vozes.

Sociologia da Sociologia Latino-Americana — De Octavio Ianni, Editora Civilização Brasileira.

Só o Vento Sabe a Resposta De Johannes Mario Simmel, Editora Nova Fronteira, ano 1976. O iate de um banqueiro alemão voa pelos ares. Roberto Lucas, funcionário da companhia em que a embarcação estava segura, é enviado para investigar a catástrofe.

ANHANGUERA

Na Livraria Anhanguera (rua do Rosário, 421), já está

à venda: "A Escritora Maldita", de Adelaide Carraro; "O Satanista", de Dennis Whately; e "Deixa o Alfredo Falar", de Fernando Sabino. Os mais procurados: 1.o) "São Bernardo", de Graciliano Ramos; 2.o) "O Feijão e o Sonho" de Orígenes Lessa; 3.o) "O Triângulo das Bermudas", de Charles Berlitz

UM ESTRANHO NO NINHO: 45 SÓCIOS DO GABINETE NA FILA.

O Gabinete de Leitura Ruy Barbosa tem oito exemplares do livro "Um Estranho no Ninho", mas ainda não está conseguindo atender a todos os pedidos: segundo informações do secretário do executivo José Carlos Pisaneli, até a semana passada havia 45 sócios na fila.

Outro livro bastante procurado pelos sócios do gabinete é "Assassinato no Beco", de Agatha Christie. Em terceiro lugar, outro estrangeiro: "Shampoo", de Robert Alley.

Enquanto isso, os autores brasileiros...



PALAVRAS

"Não importa o acervo negativo que herdamos; nem as dificuldades burocráticas; nem a fúria dos inconformados e nem o ódio manifesto dos que tiveram interesses subalternos contrariados. Nada justifica que cometamos o crime de engrossarmos a legião dos indiferentes, dos omissos e dos frustrados por falta de civismo. Nada justifica nossa recusa, ou alheamento em tratarmos seriamente, de nos engajarmos a fundo no equacionamento, na busca incessante de soluções dos problemas vitais e decisivos ao futuro desta encantadora cidade que, por sua importância, é um dos pólos da 5a. Região Administrativa de São Paulo" (Ibis Cruz, em sua saudação ao presidente do BNH, dia 30/7)

"Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me bajulam, porque me corrompem". (Santo Agostinho)

"Quando a gente faz sucesso, falam sobre nós o tempo todo. Quanto a mim, nego tudo, até falar com meu advogado". (Mae West, ex-atriz, hoje com 84 anos, em seu livro "Pleasure Man")

"Quem cede a sua liberdade essencial em troca de um pouco de segurança temporária, não merece nem liberdade, nem segurança". (Benjamin Franklin)

"Se você suspeita de ter alguém comendo da tua mão, não se esqueça de contar os dedos de vez em quando". (Irbu, JJ de 29/8)

"Seja bem-vindo a Jundiaí, cidade da boa alimentação". (Placa na entrada da cidade, colocada pela Prefeitura)

"Hoje em dia, já não se pode dizer que o futebol europeu é força e o sul-americano é arte. Na Copa de 74, por exemplo, os brasileiros e argentinos jogaram muito mais na força física. E a arte ficou com os holandeses. Ganhou a Alemanha que, em minha opinião, está equilibrando as duas coisas. Jogar contra times sul-americanos é bom porque deixa você atualizado com o futebol. E isso evita surpresas". (Detmar Cramer, técnico da seleção alemã)

"Saúde inaugura dia 12 a Unidade de Jundiaí-Mirim". (Jornal da Cidade de 1/9, sobre as unidades de atendimento médico que a Prefeitura está instalando através de sua Secretaria de Saúde, Higiene e Bem-Estar Social)

"Essas unidades têm condições de atendimento extremamente precárias. O que se pode fazer ali é um tipo de atendimento meramente paliativo. O que adianta ficar dando vermífugo em cima de vermífugo para crianças, ou ficar aliviando doenças com comprimidos e remédios, se a verdadeira causa da doença não é atacada?". (Médico José Henrique Braga Guimarães, que trabalhou seis meses numa dessas unidades)

"Sou a favor de mulheres na Academia Brasileira de Letras, além das faxineiras. Nossas escritoras também têm direito ao chá e à imortalidade. Se, afinal como disse aquele velho acadêmico, tem entrado tanta gente estranha..." (Luis Fernando Veríssimo, Revista de Domingo, do Jornal do Brasil, 29/8)

"Depois de aterrorizar toda a família com a invasão violenta de domicílio e com as ameaças, Ibis convocou Zico para estar em seu gabinete às 9 horas da manhã seguinte. Junto com ele, deveria ir Eduardo Pimenta, que esteve presente na reunião do bar. No gabinete, Zico e Eduardo foram severamente advertidos pelo prefeito, que prometeu a ambos dispensá-los das eleições. Na sala, estava o chefe da Guarda Municipal, tenente Anaurelino Barbosa, que ameaçou-os de prisão caso estivessem em alguma outra das reuniões" (Jornal de 2a., semana de 30/8 a 5/9, sobre a denúncia do candidato a vereador pela Arena José Pereira Paschoa, conhecido por Zico)

"Eu não... eu nunca me irritei no exercício da função pública. Dificilmente me irrita. É muito difícil. Eu sou um homem calmo, e se um homem público não tiver esta... posso dizer, se me permite, esta qualidade, ele não deve abraçar a carreira pública". (Prefeito Ibis, em entrevista ao semanário "Registro", 29/11/73)



Cada vez que o prefeito inaugura uma rua asfaltada, a mortalidade infantil perde um ponto. Cada vez que o asfalto derrete, as unidades de saúde correm em seu socorro.

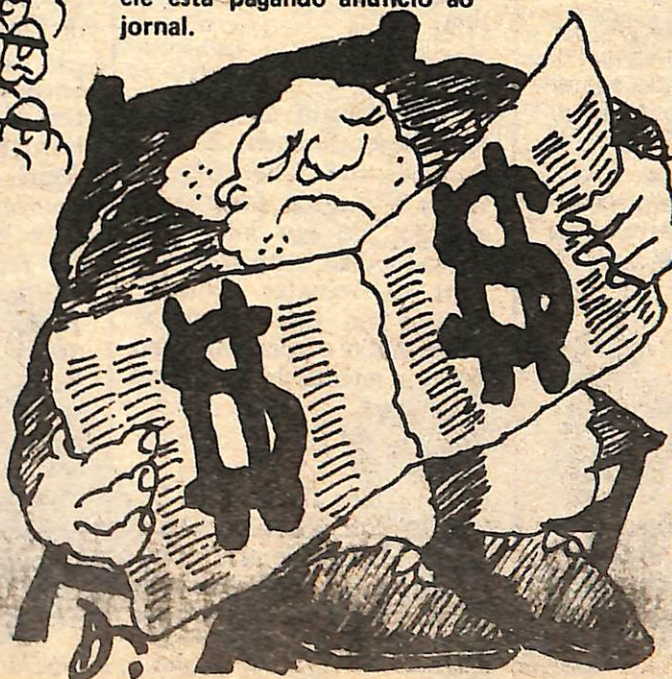


Nove entre dez pessoas que vêem a loira fantasma ou o lobisomem morrem de medo. A décima vai avisar o jornal.



Quando o adversário do prefeito fala em algum bairro é demagogia. Quando o prefeito ou seu assessor falam sobre a atual administração, nas escolas, é palestra.

Bitributação é quando você compra o jornal pra ver o que o prefeito está fazendo com o seu dinheiro e vê que ele está pagando anúncio ao jornal.



Para 79,3% das pessoas que vivem em favela, BNH significa: Boia-fria, Não Habita, mora?





A LOIRA E O LOBISOMEM



Entrevistado no Jardim São Camilo:

— Viu só? Antes era a loira misteriosa. Agora, além da loira anda aparecendo um lobisOMEM.

— É o progresso que explode de minuto a minuto. (AF)

A MORTE DE MAO

Mao Tsé-Tung, que faleceu aos 10 minutos do dia 9, será sepultado dia 18. O líder chinês estava afastado de seus cargos há dois meses devido a longa enfermidade.

Mao nasceu no dia 23 de dezembro de 1893, na aldeia de Shaoshan, província de Hunan. Filho de um camponês, tinha dois irmãos e uma irmã.

Aos 16 anos, ingressou na escola primária Tungshan, na aldeia de Hsiang-hsiang. Antes, tinha aprendido com o preceptor de sua aldeia natal.

Ele passou por muitas outras escolas e após ser influenciado pelo comunismo, aderiu. A convulsão política reinante na China acabou levando-o, depois de alguns episódios, a liderar a Grande Marcha, que instalou o comunismo no País.

Mao era o presidente do Comitê Central do PCC, presidente da Comissão Militar do Comitê Central, Presidente Honorário da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês.

DO POVO PARA O POVO



Diante de toda essa onda de publicidade da administração pública, chega-se à triste conclusão de que boa parte do dinheiro do povo é gasto para tentar convencer o povo de que o dinheiro do povo é bem gasto. (FAO)

WALMOR NÃO APOIA NINGUÉM.

Deu no jornal que o ex-prefeito Walmor Barbosa Martins não vai apoiar nenhum dos candidatos na eleição de 15 de novembro. Apoiado!

EUBIOSE, QUEIROZ E PIANO NO GABINETE

Neste dia 14 será realizada a última palestra da Sociedade Brasileira de Eubiose, em homenagem ao fundador da Sociedade Brasileira do ramo, professor Henrique José de Souza. Começa às 20 horas, no Gabinete de Leitura, com entrada grátis.

Outra notícia do Gabinete: dia 18, às 19 horas, audição de piano com alunas da professora Nailor T. Gorpello, também com entrada grátis.

QUEIROZ

Continua a exposição de fotos de Francisco Alvez Queiroz no Gabinete (rua Cândido Rodrigues, 301), de segunda a sexta-feira, das 8 às 11, das 13 às 17 e das 18 às 22 horas e aos sábados e domingos das 8 às 11 horas. Queiroz fotografa desde 1965 e tem vários prêmios. Foi agraciado este ano com um voto de congratulações da Câmara Municipal e receber votos de congratulações também do comandante do 1.º BIS "Operação Boina", de Manaus. Entrada Grátis.



NÃO AJUDE ESSA GENTE A TRABALHAR



A DERSA entregou certificados de conclusão de cursos a 26 novos atendentes de enfermagem, dos quais 15 prestarão serviços na via Anhanguera. Essa foi a segunda turma (a primeira formou-se em fins do ano passado) e recebeu aulas teóricas e práticas para o socorro aos feridos em acidentes nas pistas. Isto para que não piorem a situação dos acidentados transportando-os sem os cuidados devidos.

Os aprendizes aprenderam também qual a forma mais rápida de chegar aos hospitais de São Paulo, Campinas e Jundiaí, que estão habilitados para esses casos. O pessoal estará presente nos kms 12,37,60,89 e 99 da Anhanguera durante 24 horas por dia. Um aviso para os Fittipaldis da vida: é bem menos doloroso deixar essa gente sem ter que trabalhar.

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338

Bola de Futebol n. 2 — Cr\$ 51,00
Dentinho — Cr\$ 96,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

CECCATO
O mecânico de seu carro
Rua Dr. Antenor Soares Gandra, 140
Fone 6-4522

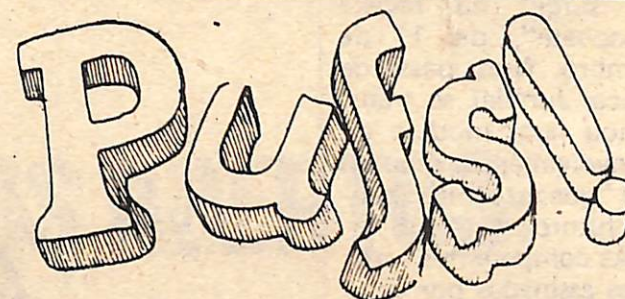
FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone — 6-8460



Cumeeira é uma espécie de pavor que assola os alpinistas.

Sôfrego é uma pessoa que tem problemas brônquio-pulmonares.

Primata foi um dos precursores de Darwin.

Escroques são desenhos de baixa qualidade.

Extrusão é um peixe que põe ovos de plástico.

Sísmico é um macaquinho barulhento e agitado.

Gengis Khan é uma sociedade americana que persegue negros mongolóides.

Profilaxia é o tratamento para prevenir falta de ar.

Muco Nasal foi um imperador da Babilônia.

Copyright é a forma literária de O.K.

Imprimatur foi o primeiro Papa alfabetizado.

Júbilo é uma veia do pescoço que faz a pessoa rir.

Caxuleta é a parte mais dura da carne bovina.

Tremoço é uma aldeia espanhola que já sofreu vários abalos sísmicos.

Verdugo era a hortaliça favorita de Franco.

Megalópolis eram homens gigantescos que roubavam cidades inteiras.

Urbis et Orbis eram os nomes latinos de Cosme e Damião.

Zarteu



FOTO NIEPCE REVELAÇÕES REPORTAGENS POSTERS

"cores e pb"

CURSO DE FOTOGRAFIA e FOTO CLUBE

rua benjamim constant, 216
fone 68211

jundiaí - sp

XEROX
também
é com o
FOTO ZEZINHO
ROSÁRIO 523 - FONE 6-3795

NOVIDADES
Charme
CALÇADO:
ROSÁRIO 626

A CIDADE FANTASIA DE IBIS E A CIDADE VERDADEIRA DE TODOS NÓS.

Numa luxuosa matéria-paga em página dupla, com fotos aéreas coloridas, uma fantástica Jundiaí surgiu na revista "Manchete", de 11 de setembro. Num passe de mágica, Jundiaí se transformou num modelo de desenvolvimento, uma cidade "que está antecipando o futuro".

As competentes fotos aéreas assinadas por Gino Lovecchio mostram largas avenidas cortando a cidade, dando uma visão quase futurista, e tentando transmitir a impressão de progresso.

E o texto, naturalmente, foi pago para defender a tese de que, depois de dois séculos de crescimento vegetativo e desordenado da cidade, três anos e meio de administração Ibis Cruz corrigiram todas as distorções do passado, dando-lhe a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento futuro.

Se a câmara fotográfica que tirou as imagens de Jundiaí do alto, pudesse se aproximar mais da terra, e se o texto da reportagem pudesse desamarrar-se dos liames do compromisso comercial da matéria paga, as verdades que as páginas de "Manchete" poderiam mostrar seriam bem diferentes.

Diz a matéria-paga que Jundiaí, "como metrópole emergente, é hoje uma prova inédita de organização urbana que se prepara com uma infra-estrutura rigorosamente planejada e em execução, para assumir as solicitações que o futuro imediato irá reclamar".

Diz a verdade que a administração Ibis Cruz se limitou a abrir alguns quilômetros de avenidas de luxo, realizadas a preços escandalosos, endividando com isso o município em mais de 400 milhões de cruzeiros. "As solicitações que o futuro imediato irá reclamar" de que fala a reportagem, a cidade sabe que espécie de solicitações são: as de pagar as dívidas com que o atual prefeito comprometeu os futuros orçamentos da cidade.

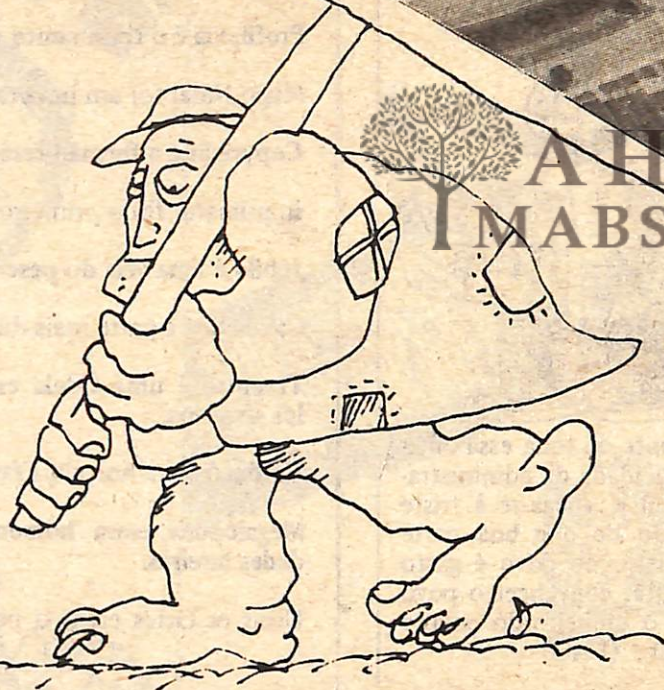
Depois de continuar com um tipo de linguagem vazio e inconsistentes figuras de retórica como "adequar o passado da cidade ao presente e projetar esse presente ao futuro", a "Manchete", cita como outra das obras da administração Ibis Cruz "uma política fiscal realista", que para o povo significou apenas um brutal aumento dos impostos. E esses impostos forneceram à Prefeitura os recursos para a realização das obras que não beneficiaram o povo.

A matéria-paga fala também nas obras de saneamento que a administração Ibis Cruz realizou, e que ele também, em seus pronunciamentos de-
magógicos, costuma lou-

var.

Fala-se em saneamento de rios. Basta cheirar as águas dos rios Guapeva e Jundiaí para verificar que eles continuam funcionando como verdadeiros esgotos a céu aberto.

Quanto ao sistema de abastecimento de água a atual administração não conseguiu sequer dar continuidade ao plano paulatino de obras que vinha sendo seguido pelos governos anteriores, e que vinham garantindo uma razoável situação de abastecimento de água à população. Na realidade, aquilo que Jundiaí tem hoje em matéria de abastecimento de água, é praticamente a mesma coisa que o último prefeito deixou.



no barro das ruas, para depois entrar no luxo da inútil avenida.

Abrir grandes avenidas, e asfaltar as ruas do centro, não é exatamente "desenvolver a cidade com humanização". Principalmente, se se levar em conta que o asfalto derramado pela Andrade Gutierrez em cima dos paralelepípedos de ruas já calçadas está custando à cidade o dobro do preço que custaria normalmente.

Uma das fotos que ilustram a reportagem da "Manchete", mostra o viaduto da Avenida Jundiaí sobre a Avenida Corrego do Mato (atual 9 de Julho). Esse viaduto é composto de duas metades, uma para cada pista. A primeira metade foi feita no governo Walmor e foi entregue em março de 1974. Custou Cr\$ 1.780.005,23, pagos em várias parcelas, a última das quais venceu em agosto de 1975. A segunda metade foi feita pelo prefeito Ibis Cruz, com a poderosa empreiteira Andrade Gutierrez. Custou Cr\$ 6.403.216,70 já faturado no ano passado por essa firma a quem o prefeito deu exclusividade para realização de todas as obras em Jundiaí a seus preços absurdos.

Esse viaduto sobre a 9 de Julho é um exemplo de como a nossa "corajosa e dinâmica" administração vem aplicando os preciosos recursos do município.

Outro exemplo, é a própria reportagem da revista "Manchete". Segundo informações de fontes ligadas à Editora Bloch, cada página de publicidade, a cores, custa Cr\$ 170.000,00. Duas páginas, Cr\$ 340.000,00.

"Distante 60 km, de São Paulo, Jundiaí projetou sua vida de forma a desenvolver-se com humanização", diz a "Manchete".

A verdade, fora das páginas coloridas, é bem outra. Basta percorrer os bairros periféricos da cidade, onde vive a maior parte da população em condições precárias, carente dos benefícios públicos mais elementares.

Nas próprias transversais da luxuosa avenida 14 de Dezembro, cujo primeiro trecho foi recentemente inaugurado, os sinais das verdadeiras doenças da cidade são visíveis. Na Vila Francisco Éber, por exemplo, os moradores pisam